

# **A morte e seus lutos: compreensões religiosas e espirituais**

1º Edição



sete  
Editora  
Campinas -  
SP2021

Anna Valeska Procópio ( Orga.)

ANNA VALESKA PROCÓPIO

Copyright D7 Editora

Copyright ANNA VALESKA PROCÓPIO

Proibida reprodução total ou parcial. Os infratores são processados na forma da lei.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
(CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

ANNA VALESKA PROCÓPIO

A MORTE E SEUS LUTOS; COMPREENSÕES RELIGIOSAS  
E ESPIRITUAIS - Campinas, SP: D7 Editora

1 - PSICOLOGIA

ISBN - 978-65-89323-78-5

65-

CDD - 150

1º Edição



[www.d7livros.com](http://www.d7livros.com).

brFone:

3273.1426

R. Thomas Alves Brown, 151 - Vila João Jorge

Campinas - SP - 13041-316

## APRESENTAÇÃO

A vida sempre trouxe a questão da finitude como algo de difícil compreensão e vivência. Pensando nessa realidade, surgiu o desenvolvimento deste livro no intuito de conhecer como algumas crenças religiosas, dentro do campo da espiritualidade, compreendem a finitude da vida e seus lutos.

Esse conhecimento permitirá entender como as pessoas lidam com a morte a partir de suas crenças. E, como esse recurso existencial pode ser um facilitador ou não para as questões propostas. Informações importantes para os profissionais da saúde e humanas que lidam com essas possibilidades.

Para esse propósito, os capítulos apresentam as religiões: católica, umbanda, espírita e evangélica. Cada qual com seus apontamentos e nuances. Porém, todos com a riqueza que constrói a arte celestial e mundana de compreensão da vida e das partidas finais.

Anna Valeska Procópio

## SUMÁRIO

### **Capítulo I- Acolhimento terapêutico no luto: compreensões acerca da espiritualidade e crenças religiosas**

*Anna Valeska Procópio<sup>1</sup>*

*Allan Procópio de Mendonça<sup>2</sup>*

### **Capítulo II-A morte e o luto para os cristãos católicos**

*Janaína Teixeira Sanches<sup>3</sup>*

### **Capítulo III- Morte e luto sob a perspectiva umbandista**

*Jociane Casellas<sup>4</sup>*

### **Capítulo IV-Doutrina Espírita ou Espiritismo: Os laços de amor são eternos**

*Ilda Itaboray de Castillo<sup>5</sup>*

*Maria da Conceição da Luz Ferreira<sup>6</sup>*

### **Capítulo V- O verbo se fez carne**

*Tania Regina da Silva<sup>7</sup>*

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Mestre em Psicologia. Doutoranda em Psicologia. Docente curso de Medicina da UNIFAP. Idealizadora do projeto @gestosfinais. [gestosfinais@gmail.com](mailto:gestosfinais@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmico de Psicologia. Professor de Inglês. E-mail: [allanprocopiodemendonca@gmail.com](mailto:allanprocopiodemendonca@gmail.com)

<sup>3</sup> Psicóloga. Pós-graduada em Geriatria e gerontologia. Dedicada ao estudo do envelhecimento. Idealizadora do projeto @umquintaldeluz. E-mail: [jana.tsanches@gmail.com](mailto:jana.tsanches@gmail.com)

<sup>4</sup> Psicóloga clínica. Especialista em psico-oncologia. Mestre em Bioética. E-mail: [jocicasellas1975@gmail.com](mailto:jocicasellas1975@gmail.com)

<sup>5</sup> Psicóloga clínica em demandas do luto. E-mail: [ildaitaboray@gmail.com](mailto:ildaitaboray@gmail.com)

<sup>6</sup> Assistente social. E-mail: [mconceiluz@yahoo.com.br](mailto:mconceiluz@yahoo.com.br)

<sup>7</sup> Teóloga. Atua na área da saúde, com pacientes crônicos portadores de demências. Capelã no campo Hospitalar pela ACS São Paulo. E-mail: [trsconfeinda@gmail.com](mailto:trsconfeinda@gmail.com)

## **Acolhimento terapêutico no luto: compreensões acerca da espiritualidade e crenças religiosas**

Anna Valeska Procópio  
Allan Procópio de Mendonça

É sabido o quanto a humanidade necessita de explicações para os campos de sua existência. As crenças religiosas, como movimento dentro do cenário da espiritualidade, configuram-se como possibilidades para as dores da alma e necessariamente diante das partidas finais. Isso não quer dizer que seria o único passo, mas que, também, é um movimento de ser e estar no mundo. Desse modo, é preciso ter compreensão de como a espiritualidade, bem como as crenças religiosas podem influenciar a vivência da morte e do luto.

Conforme registram Freitas e Holanda (2014), a relação com o divino, mais do que possibilitar mudanças de alguns comportamentos, na maioria das vezes é um recurso fundamental nas questões de ressignificação na vida das pessoas. Diante disso, compreender os apontamentos dessa dimensão humana pode ser um facilitador para o processo de acolhimento terapêutico.

Nesse sentido, a prática psicológica pode e deve ter o conhecimento dos campos da espiritualidade e religiosidade como requisito importante no entendimento da complexidade humana. Pois, como afirma Pinto (2019), o psicólogo precisa ampliar seu espaço de indagações e entendimentos, e as Ciências da Religião podem fornecer informações acerca do mundo de seu cliente. Até porque, a interface entre as Ciências da Religião e a psicologia não se abrevia à psicologia da religião, apesar de começar por ela. Esse campo vai além, como por exemplo:

A psicologia do desenvolvimento, com estudos sobre o desenvolvimento da religiosidade; a psicologia da personalidade, com estudos sobre o homem religioso; a psicopatologia, com estudos sobre os limites entre o saudável e o patológico nas vivências místicas; a psicologia organizacional, com os estudos sobre as instituições religiosas; e a psicologia clínica, que aponta as profundas relações entre a psicoterapia e os aspectos espirituais e religiosos do existir (p.3)

Assim, mostra-se o quanto, de certa forma, a questão da espiritualidade e religiosidade está presente nos estudos acerca do ser humano. Seja de forma sutil ou expressiva. Nesta realidade, é válido conhecer como se organiza e se desenvolve algumas crenças para que a disponibilidade clínica seja holística em seu olhar. Até porque, como diz Pita (2019), para a Psicologia o que importa é como o ser humano vivencia seu sagrado, o impacto na vida das pessoas e o modo como a espiritualidade/religiosidade atua como fonte de referência na organização que as pessoas fazem de sua vida.

As dores da alma precisam, também, dos campos espirituais como possibilidades de explicações acerca dos mistérios da vida. O homem, enquanto ser humano, sempre buscou seja na mitologia seja na espiritualidade modos de compreensão para os fatos. Portanto, é fundamental que a prática terapêutica possa contemplar esse conhecimento, esse movimento de ser e estar no mundo.

Dessa forma, o terapeuta poderá explorar essa dimensão como modo de entendimento do outro. A espiritualidade e as religiões mostram-se como um amparo emocional, quando apresenta a intenção de cuidar da alma. Até por que a vivência da espiritualidade de modo benéfico pode proporcionar a conexão com a inteireza do ser no entrelaçamento da vida (PROCÓPIO, 2021).

Observa-se o quanto é significativo abordar a questão da espiritualidade, caso seja necessária ou desejada, pela pessoa no processo de cuidado terapêutico. Como pode-se destacar no artigo intitulado: *Current Mental Health Clients' Attitudes Regarding Religion and Spirituality in Treatment: A National Survey* publicado em 2021 pelos autores Holly K. Oxhandler, Kenneth I. Pargament, Michelle J. Pearce, Cassandra Vieten e Kelsey M. Moffatt nos quais entrevistaram 2.854 americanos acerca da compreensão da espiritualidade e religiosidade no cenário de cuidado da saúde mental.

Nessa produção, destacou-se 989 participantes que estavam frequentando terapia e relataram que um bom terapeuta precisa ser sensível às crenças religiosas / espirituais dos clientes e estar aberto a discutir as crenças religiosas / espirituais do cliente na terapia. Já que as consideram importantes nos momentos difíceis da vida. Desse modo, o artigo aponta o quanto é importante o terapeuta conhecer as crenças religiosas para uma melhor compreensão da vivência emocional do cliente.

A relevância da espiritualidade na vida humana, ainda é destacada por muitos estudiosos no assunto no Brasil. Dentre eles, o teólogo, escritor e filósofo Leonardo Boff que entre tantas pronunciações sublimes registra sua fala na palestra intitulada: "Espiritualidade e utopias libertárias" no qual menciona que é preciso ter inteligência espiritual. Essa não é monopólio das religiões e sim um dado da profundidade humana. Essa espiritualidade, conforme Dalai Lama, citado por Leonardo Boff seria tudo aquilo que produz transformação interior.

Desse modo, compreende-se que a espiritualidade, bem como as religiões são caminhos de entendimento do ser e não pode ser desconsiderado no campo das práticas terapêuticas.

No Brasil, segundo dados do censo demográfico realizado em 2010, pelo IBGE, apontou a seguinte composição religiosa: 64,6% dos brasileiros (cerca de 123 milhões) declaram-se católicos; 22,2% (cerca de 42,3 milhões) declaram-se protestantes (evangélicos tradicionais, pentecostais e neopentecostais); 8,0% (cerca de 15,3 milhões). Número expressivo de práticas religiosas na vida do cidadão brasileiro. Ou seja, conhecimento necessário para ser respeitado acerca da vida humana.

Portanto, é salutar entender que, conforme descrevem Bernardi e Castilho (2016), a vida de uma coletividade envolve crenças que se despontam nas condutas e se materializam nos modos de ser na cotidianidade. Esse dia a dia moderno mostra o quanto o sagrado vem ganhando espaço, quem sabe como tempos de outrora, para a formação e desenvolvimento das cidades. Até porque o ser humano religioso sente a necessidade de viver em um espaço bendito e conviver com essa expressividade que, muitas vezes, reveste-se de sentimento religioso seja nos objetos seja nos lugares.

Tudo isso é necessário porque o luto pela morte de alguém querido também induz uma reorganização não somente social, familiar, emocional, física, mas, também, espiritual. Como revela luz (2021):

O luto é um processo de aprendizado, uma forma de se adaptar interior e espiritualmente quando as coisas do lado de fora já não são as mesmas. A maneira como vivemos essas mudanças dependem da qualidade da intensidade do amor que tenhamos conhecido ao longo da vida. É por isso que algumas perdas terão efeito devastador sobre nossa experiência, ao passo que outras apresentarão potencial menos desorganizador e desafiador (p.34).

Nesse entendimento, é compreensível que a vivência do luto leve em consideração as nuances da espiritualidade. E, de certa forma, suas potencialidades nas crenças, caso haja essa identificação. Até porque, de acordo com o World Health Organization (2002), o bem-estar espiritual deve ser analisado como uma dimensão da saúde, junto às dimensões físicas, psíquicas e sociais (WHO, 2002). Mesmo não estando explícito na sua definição.

Por isso é tão importante considerar a dimensão sagrada como campos de afetos, pois viver o adeus a alguém querido solicita muito engajamento na vida. Requer (re)descoberta de sentidos e propósitos na existência. Não é movimento fácil. A dor, nesse cenário, desequilibra o mundo organizado, quase “controlável” pelo desejo humano. São nesses momentos que a

vida mostra a fluidez que, de fato, sempre foi. Nada pode ser tão fatalista que a morte.

Tudo isso porque quando o sentido da vida é frustrado, o ser humano vivencia o sofrimento existencial. Esse, poderá apontar para novos sentidos de ser no mundo. A espiritualidade e/ou as crenças religiosas, nessa vivência, podem favorecer o desenvolvimento pessoal através de reflexões, como revela Kóvacs (2021). O luto, é uma dessas realidades, pois permite esse caminhar de outro jeito, com novos contornos e outras possibilidades.

Nesse rumo, conhecer as práticas espirituais e/ou religiosas dos pacientes/ clientes/ pessoas permitirá adentrar num mundo de significados e potencialidades que o outro experimenta ao viver. Uma riqueza de símbolos, imagens, sensações e representações. E trazendo para o processo do luto, ainda mais. Já que a morte desperta nossas mais íntimas inquietudes.

Desse fato, a prática da espiritualidade e da religião configuram-se como uma das manifestações humanas, marcando os tempos históricos da humanidade. E, de tal modo, sublima para as explicações demandadas diante da morte de alguém. Pois, é preciso saber ser artista de seu existir diante dos fins, como declara Procópio (2021):

Creio que bem difícil seria viver assim! Sem as construções simbólicas dos campos celestiais. Nesse sentido, encontre a explicação que acalma sua alma, abrandando suas perturbações e lhe direciona para a estrada da vida. Não é tarefa fácil, mas nem por isso impossível. Sabe por quê? Porque é aí que está toda a grandiosidade da vida: nos mistérios! Sem eles teríamos as respostas prontas formuladas e paradigmáticas. Não teriam espaços para as invenções, as imaginações ou os sonhos. Tudo seria demasiadamente certo e qualquer outra explicação estaria no campo dos excluídos e não pertencentes. Que bom que o ser humano, desde que se reconheceu como tal, cria caminhos ousados para seu existir ( p.47)

“É preciso saber viver,” como retrata a letra da música de Roberto Carlos e Erasmo Carlos. E o luto requer esse saber, esse fazer, esse sentir. Tudo isso com os modos subjetivos de cada nas sinuosas estradas da vida. Por isso que a vida é uma criar constante. O outro pode ser uma boa fonte de amparo para as dores da alma. Afinal, estamos sempre sendo com o outro no mundo. E, aí, que necessitamos (re)conhecer a dimensão sagrada que vela e desvela os cenários de atendimento terapêutico. Isso, também, é respeito e cuidado. Para tal propósito, é indispensável conhecer essa dimensão do humano, que nada mais é que de todos nós.

Por essa importância, os capítulos seguintes explanarão as religiões pelo olhar de psicólogas e uma teóloga. Tudo no intuito de agregar visões de mundo para o acolhimento terapêutico no luto por morte.

## Referências

BOFF, Leonardo. **A espiritualidade e utopias libertárias**. Palestra proferida pelo YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=J92aBNzcNME>.

FREITAS, Denis de; HOLANDA, Adriano Furtado. Conversão religiosa: buscando significados na religião. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 93-105, jun. 2014. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202014000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202014000100009&lng=pt&nrm=iso). acessos em 04 nov. 2021>.

PINTO, Ênio Brito. **A ciência da religião aplicada à psicoterapia**. 2019. Disponível em <http://www.crpsp.org.br/diverpsi/arquivos/ciencia-religiao-enio-brito.pdf>. Acesso em 10 de outubro. 2021

BERNARDI, Clacir José; CASTILHO, Maria Augusta. **A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano**. Interações (Campo Grande) [online]. 2016, v. 17, n. 4 [Acessado 8 Novembro 2021, pp. 745-756. Disponível em: <[https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.4\(15\)](https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.4(15))>. ISSN 1984-042X. [https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.4\(15\)](https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.4(15)).

KOVÁCS, Maria Júlia. Sofrimento existencial. In Castilho, Rodrigo Kappel. **Manual de Cuidados Paliativos da Academia de Cuidados Paliativos (ANCP)**/ Rodrigo Kappel Castilho, Vitor Carlos da Silva, Cristhiane da Silva Pinto. 3 Ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2021.

## A morte e o luto para os cristãos católicos

Janaína Teixeira Sanches

*“Irmãos, não queremos deixar-vos na ignorância quanto aos que adormeceram, para que não fiquéis tristes como os outros, sem esperança.” (1Ts 4, 13).*

O Cristianismo é a denominação comum dada para os seguidores de Jesus Cristo, Deus Filho encarnado como um judeu da Galileia, que foi enviado por Deus Pai para resgatar a humanidade de um estado decaído, elevando-a e introduzindo-a na vida Divina.

Após sua morte e Ressurreição, os ensinamentos que floresceram desta nova aliança foram transmitidos por seus apóstolos e sucessores, dando origem à Religião Católica.

O catolicismo é a mais expressiva vertente do Cristianismo, o que nos leva a destacar que todo católico é cristão, mas nem todos os cristãos são católicos; e evidenciar essa diferença é o primeiro ponto importante para traçar um caminho de compreensão sobre o genuíno sentido da morte e do luto para a fé católica.

Para se buscar uma aproximação do significado da morte e do sentido do luto para o catolicismo é necessário conhecer alguns fundamentos dessa religião que serão trazidos neste capítulo para se lançar um pouco de luz sob as noções sobre a vida terrena e a vida espiritual. Princípios que serão brevemente mencionados para servir de base para melhor assimilar a visão de uma religião que apresenta o caminho de como viver, ritualizar e acolher o fim da vida humana.

### O mundo visível e invisível para o catolicismo

*“Pela fé compreendemos que o universo foi organizado pela palavra de Deus, de sorte que as coisas visíveis provêm daquilo que não se vê” (Hebreus, 11,3)*

Na visão católica Deus é o criador do Céu e da Terra e, portanto, inventor do mundo visível e invisível. A expressão “Céu e Terra” significa tudo aquilo que existe: a criação inteira.

O mundo invisível é perceptível, uma vez que é possível contemplar a divindade e o poder de Deus por meio da criação. Nesse sentido, como bem lembra Hahn (2018, p.36) Deus em si mesmo é invisível, mas “claramente” perceptível através da criação visível. É uma compreensão que distingue, mas que também une Céu e Terra, pois para a fé católica a vida terrena faz parte do mundo espiritual.

A vida espiritual não é necessariamente só aquilo que cabe na compreensão de um estado sobrenatural. A vida espiritual é uma relação pessoal com Deus, uma “vida interior” que indica um processo de relação da alma com Deus (ESCRIVÁ, 2016, p.388).

O catolicismo não crê em fórmulas hermeticamente fechadas sem abertura para o real, mas nas realidades que elas expressam e que a fé nos permite “tocar.” É nesse sentido que a fé se materializa e se torna visível.

Os homens podem (com a ajuda de Deus) entrar deliberadamente no plano divino, por suas ações, por suas orações e também por seus sofrimentos. Uma união que é possível por comunhão, onde podemos em vida terrena ser "cooperadores de Deus" (CIC 308).

## **A Igreja Católica e a ciência**

*“A fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio” (São João Paulo II, Fides Et Ratio, Intróito).*

Ainda que a fé esteja para Igreja Católica acima da razão, não poderá jamais haver verdadeira desarmonia entre uma e outra. Entende-se, por exemplo, que a própria investigação científica realizada pelo homem é conduzida pelas mãos de Deus, quando aquele atua para o bem, com humildade e perseverança (CIC 159).

É com essa compreensão que o catolicismo anda do lado da ciência e não desvalida sua legítima importância, compreendendo que a inteligência humana coopera com a graça Divina. Ponto importante de destacar em nosso estudo sobre as condições referentes ao cuidado no processo de morrer e experienciar o luto.

Arantes (2019) quando fala sobre esse cuidado com as pessoas que estão morrendo e com aqueles que também estão à sua volta, especialmente os familiares dos que se

aproximam do fim da vida, destaca que não há um caminho que todos devam percorrer, pois cada ser humano que surge diante de nós é um novo modelo de vida, desse modo cabe respeitar esse universo que se apresenta a cada encontro e acompanhar o ritmo da pessoa que parte, em seu todo, honrando sua singularidade e seu cultivo espiritual.

A fé cristã é um cultivo espiritual de muitos, mas é importante ressaltar que a legítima fé católica compreende que inteligência e vontade humana podem cooperar com a graça divina, abrindo os olhos da mente com docilidade para a vida eterna. Uma fé que procura compreender (CIC, 153-158).

Por muito tempo a Igreja Católica foi mal compreendida em sua relação com a ciência. Contudo, como bem lembra Woods Jr (2014) graças ao excelente trabalho de historiadores recentes da ciência, a Igreja vem recebendo o reconhecimento que lhe é devido, de modo que nenhum estudioso sério poderá jamais repetir o desgastado mito do antagonismo entre a religião e a ciência.

Esses são motivos que fortalecem a crença dos que acreditam que é possível encontrar um diálogo e uma postura de harmonia entre ciência e religião. Um cuidar que respeite o ser e o acolha de modo fraterno em qualquer condição existencial, diante de circunstâncias da vida ou da morte.

A fé em certo sentido depende da razão e a Igreja Católica condena não só a dependência espiritual desordenada baseada somente na fé (fideísmo), como também aquela baseada somente na razão (racionalismo) (HAHN, 2018).

## **Corpo e alma**

*“O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas o sopro da vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gênesis 2, 7)*

Para a Igreja Católica somos unidade de corpo e alma, onde cada alma espiritual é diretamente criada por Deus e é imortal, ou seja, a alma não deixa de existir depois da morte. Após a morte a alma de cada homem aguarda para receber um corpo glorioso no dia da ressurreição.

A visão cristã católica compreende que a vida não é tirada, mas transformada por meio da morte. Desfeito nosso corpo mortal, nos é dado, no Céu, um corpo que não perece, esse que podemos entender como corpo espiritual, em razão de sua completa subordinação às realidades espirituais.

O corpo físico mortal é o aspecto visível do homem, capaz de exprimir subjetividade e sensibilidade por ser uno à alma, mas que, por consequência do pecado original, está destinado à morte.

A pessoa humana (vale lembrar que dentro da ótica cristã Deus e os anjos são pessoas não humanas) em seu todo é um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual. Uma união tão profunda em que se deve considerar a alma como “forma” do corpo, isto é, graças à alma espiritual, o corpo constituído de matéria é um corpo humano vivo. Destinado desde a sua criação para seu fim sobrenatural, onde sua alma é capaz de ser elevada gratuitamente à comunhão com Deus (CIC, 362-368).

Uma concepção onde o “invisível” determina o homem mais que o visível, ainda que o corpo humano participe da dignidade da “imagem de Deus.” Alcançando, pois, a perfeição dessa imagem na Ressurreição com seu corpo transformado em um corpo glorioso, que reflete plenamente essa imagem imperecível.

É necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que este corpo mortal se revista da imortalidade. Quando este corpo corruptível estiver revestido da incorruptibilidade, e quando este corpo mortal estiver revestido da imortalidade, então se cumprirá a palavra da Escritura: A morte foi tragada pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?(BÍBLIA, I Coríntios 15, 53-55).

É diante dessa compreensão que a santíssima Igreja crê e confessa que, cada homem, em sua alma imortal, recebe sua retribuição eterna a partir de sua morte, em um juízo particular, onde os justos reinarão com Cristo para sempre, glorificados em corpo e alma (CIC, 1051-1060).

### **A visão cristã da morte**

*Vivo sem em mim viver  
e tão alta vida espero,  
que morro de não morrer.  
(Santa Teresa de Jesus)*

Para o cristão católico a morte não é o fim, mas a entrada para uma vida eterna, passagem que permite entrarmos em um estado de completude, pois partimos para estar com Cristo. Uma compreensão que percebe a morte somente como término da vida terrestre, onde a vida não é tirada, mas transformada.

Com o fim da vida terrena cada homem recebe, em sua alma imortal, a retribuição eterna. Em um juízo particular, seja para entrar de imediato na felicidade do Céu, seja por meio de purificação no Purgatório ou condenar-se para sempre no Inferno (CIC, 1022).

Isso significa que os que morrem na graça e na amizade de Deus e que estão totalmente purificados vivem para sempre com Cristo, encontrando sua verdadeira identidade e morada eterna.

Papa Francisco (2013) quando aborda o sofrimento em uma de suas cartas encíclicas, ressalta que a fé não nos faz esquecer o sofrimento e isso cabe para os sentimentos que envolvem a morte. A partida de pessoas queridas é sentida de formas que podem ser dolorosas e intensas. Um sofrimento que na compreensão católica faz parte da condição humana, mas que pode ser amparado e amenizado com a própria luz da fé.

O sentido cristão do sofrimento pode ser compreendido à medida que formos capazes de entender a sublimidade do amor divino, uma resposta que pode ser alcançada com maturidade espiritual, uma resposta dada por Deus ao homem na cruz de Jesus Cristo.

Papa João Paulo II (1984), em uma de suas cartas apostólicas, fala do sentido profundo do sofrimento, lembrando de Jesus e da sua força redentora, quando vai ao encontro da sua paixão e morte com plena consciência da sua missão, sabendo que, por meio de sua missão, faz que o homem não pereça, mas tenha a vida eterna.

É a partir dessa condição de caráter redentor que o sofrimento é entendido para o Catolicismo em seu sentido mais profundo. Uma condição vista como um percurso que possibilita um estado de purificação para a libertação do mal.

Um entendimento que nos lembra a necessária elaboração do luto, um percurso que envolve sofrimento e que precisa ser vivido e sentido para que possamos refletir sobre nossa condição e continuar vivendo. Um percurso que não nos liberta totalmente dos sentimentos de saudade, mas que possibilita lidar com o efeito do que foi sentido e vivido na perda do ente querido.

### **A ritualização da morte e o luto para a Igreja Católica**

A Igreja Católica entende como necessária a atenção de acolher e cuidar dos que partem da vida terrena, respeitando seus corpos e ajudando também a todos que sofrem por essa partida. Isso faz parte do que se compreende como ritualização da morte: gestos e cuidados que ajudam a viver os últimos momentos na dignidade e na paz.

Nesse processo final de vida, ritualizar é também dar atenção para que os doentes recebam em tempo oportuno os sacramentos, manifestações da graça que os preparam para o encontro com Deus vivo, envolvendo também um cuidado para que os corpos sejam tratados com respeito e caridade, na fé e esperança da ressurreição.

Os sacramentos são sinais sagrados que os fiéis se dispõem receber em circunstâncias muito variadas da vida cristã. Uma ritualização que acompanha toda vida, começando com o batismo e terminando com a unidade dos sacramentos que envolvem a unção dos enfermos.

Esses rituais sagrados compreendem sempre uma oração, acompanhada de um determinado sinal, como a imposição da mão, o sinal da cruz e a aspersão da água benta, santificando momentos e fases da vida cristã, incluindo o momento que pode ser de aproximação da morte. (CIC, 1668).

A Igreja crê e confessa que existe entre os sete sacramentos que acompanham a vida um especialmente destinado a reconfortar aqueles que passam pela provação da enfermidade: a unção dos enfermos.

Um sacramento conferido às pessoas acometidas de doenças graves, unguindo-as na fronte e nas mãos com óleo devidamente consagrado, orando por misericórdia e auxílio do Espírito Santo, para que as liberte dos pecados e alivie seus sofrimentos. Uma ritualização também compreendida como uma forma de preparar o cristão para a vida eterna, santificando sua morte, se essa estiver próxima, para que assim adormeça na luz da fé e esperança de ressuscitar para encontrar com Deus (CIC, 1499).

A Igreja orienta que o sacramento da unção dos enfermos seja administrado em qualquer estado de doença grave e não somente quando a morte pareça iminente, assim comenta Da Silva (2012) em um documento da Capelania hospitalar/ Pastoral da saúde.

Diante dessa pontuação, entende-se que o sentido do sacramento ainda que seja para os instantes finais da vida, não é um sacramento voltado somente para o momento da morte, até mesmo por considerar que o real momento da morte foge das nossas certezas.

A unção ampara de modo espiritual esse doente que pode vir a morrer a qualquer momento, reanimando-o pela confiança de Deus e o fortalecendo contra as tentações e aflições da morte.

Os sacramentos são como alimentos para alma. Uma herança de Cristo para nutrir e fortificar o espírito da fé. Um alimento tão belo para os que comungam, refletem e creem no mistério vivo (EYMARD, 1932).

Nesse processo de caminhada para o fim da peregrinação da vida terrena, pode-se dizer que a unidade que envolve a Penitência, a Unção dos Enfermos e a Eucaristia, constituem os sacramentos que consomem a vida cristã que chega a seu término (CIC, 1524).

Dar atenção e importância para os rituais sagrados que acompanham os que caminham para o fim da vida terrena é amparar com respeito e oferecer dignidade para a morte de quem viveu uma vida cristã.

O amparo espiritual é tão importante quanto outros cuidados e, por isso, é sempre

pertinente lembrar que é um direito também amparado por uma lei:

Lei de N° 9.982, de 14 de julho de 2000, que dispõe sobre prestação de assistência religiosa nas entidades hospitalares públicas e privadas, bem como nos estabelecimentos prisionais civis e militares. Assegurando o acesso aos religiosos de todas as confissões para dar atendimento espiritual aos internados, desde que em comum acordo com estes, ou com seus familiares, no caso de doentes que já não mais estejam no gozo de suas faculdades mentais (BRASIL, 2000).

#### A celebração dos funerais

“Quando, porém, Maria chegou onde Jesus estava e o viu, lançou-se aos seus pés e disse-lhe: “Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido!” Jesus chorou. Observaram por isso os judeus: “Vede como ele o amava!” (João 11, 32.34-35).

A Igreja que acompanha sacramentalmente o cristão durante toda sua vida caminha para entregá-lo “às mãos do Pai” seguindo com os rituais dos funerais, esses que são uma celebração litúrgica da igreja, ou seja, do “mistério de Cristo, onde a comunidade reunida participa das exéquias.

O rito das exéquias são celebrações da liturgia romana que propõe três lugares para acontecer (a casa, a igreja ou o cemitério). São momentos para orações, acolhimentos aos familiares com palavras de consolação. Uma preparação para o adeus e para aprender a viver em comunhão com aquele que “adormeceu no senhor” (CIC, 1684).

Para a Igreja o enterro dos mortos é como uma obra de misericórdia corporal, visto que cuidar do corpo é também cuidar do espírito. Uma visão que também permite a cremação, se esta não manifestar uma posição contrária à fé na Ressurreição (CIC, 2300- 2301).

As celebrações e todos os cuidados que acompanham o processo de adeus são também uma forma de viver um luto acolhido pela fé. A ritualização possibilita esse sentido, de transformar a dor com o auxílio das orações e oferecer a paz necessária para lidar com a ausência. Diante disso, pode-se dizer que a Missa do sétimo dia e as outras celebrações que continuam depois da partida em oferecimento pela alma, são também formas de amparo e preparo espiritual.

Hahn (2014) fala que a Missa é sempre um momento de renovação da aliança com Deus, vista como um encontro que permite que o Céu toque a Terra, um momento onde recebemos o privilégio de rezar ao lado dos anjos e que Deus nos dá sua própria vida. Isso não se trata apenas de uma metáfora, um símbolo ou antecipação, é a verdade, essa que se eleva quando participamos da Missa com o coração aberto.

Rezar pelos mortos de certo modo abrandando esses sentimentos que envolvem a

condição do luto e fortalece nossa comunhão com o céu. Rezando pelos pecados e por misericórdia, não somente ajudamos esses que partiram, mas também tornamos eficaz sua intercessão por nós. Desse modo constituímos uma única família em Cristo, nos comunicando pela oração uns com os outros em mútua caridade (CIC, 958-959).

## **A Ressurreição**

*“Irmãos, não queremos deixar-vos na ignorância quanto aos que adormeceram, para que não fiquéis tristes como os outros, sem esperança. Com efeito, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, cremos igualmente que Deus, por meio de Jesus, reunirá consigo os que adormeceram” (1Ts 4, 13-14).*

O sentido da morte para a fé cristã é a esperança na ressurreição. Na morte a alma se separa do corpo, indo ao encontro com Deus e ficando à espera de ser novamente unida ao seu corpo glorificado. Um sentido revelado e acessível nas escrituras sagradas:

Ser cristão é ter a fé de que não há somente a vida da alma imortal, mas que também nossos “corpos mortais” retornarão para vida. Esse é o elemento essencial do sentido da morte para o católico, a convicção de que se vive a vida terrena somente uma vez, crendo que Cristo ressuscitou e voltará para nos ressuscitar no último dia (CIC, 996-997).

Acreditar nesse sentido da morte é acreditar no amor. Um amor que confirma que a vida não deriva do nada e nem do acaso. Um amor capaz de garantir que a vida é para além da morte. Um amor esponsal que pode ser consumado mesmo havendo a condição da morte.

É esse sentido de amor que a Virgem Maria experimentou com a Ressurreição de Jesus, um amor que garante que é morrendo que se vive para a vida eterna. Sentido de amor que faz que o católico busque amparo diante da morte, rogando e recorrendo ao colo da mãe por meio da oração:

“Ave Maria, cheia de graça, o senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém” (MONTFORT, 2016).

## **Considerações finais**

O sentido da morte para a Igreja católica envolve uma consistência profunda que explica todo o sentido da vida e que entende que não há como buscar luz para o viver sem se aproximar dos mistérios que envolvem a morte.

É um sentido sustentado por uma essência acolhedora, que ampara a importância de

olharmos para o princípio e para o fim com amor e misericórdia. Um sentido que defende que Deus não deseja que o ser humano sofra, pois compreende que o sofrimento entrou na vida do homem pelo pecado e não por desejo divino. Apesar disso, Deus pode tirar o bem do mal.

É uma visão que destaca a importância de um cuidado que olhe para além do último suspiro, pois acredita que o cuidado genuinamente respeitoso e sensível abraça o ser como um todo, sua história, suas crenças, seus laços de vida terrena e sua dimensão espiritual.

Acredito que quando enxergamos o sagrado que abraça todas as dimensões da vida e consideramos a importância de estudarmos alguns princípios da fé para termos uma base teológica que se alia à psicológica, temos, então, a oportunidade de oferecer um cuidado mais humano e conseqüentemente mais próximo do divino no trato com os enfermos e para os que se encontram em perigo de morte.

É a partir desse olhar que compreendo melhor a condição humana em sua totalidade integrada, dado que os aspectos religiosos do homem o compreendem nessa unidade mais profunda.

Brito (2012) quando diz que importa entender o ser humano como um ser em relação, em relação consigo mesmo, com o mundo que o rodeia, com suas possibilidades e potencialidades existenciais, corrobora a tese aqui apresentada, uma vez que a religiosidade e a espiritualidade fazem parte de um processo de criação constante de si e de relação com o mundo. A religião lança luz sobre as relações do homem.

Considero esses motivos suficientes para defender a importância do estudo das religiões para enriquecer os saberes da Psicologia, por entender que a religião é instrumento sagrado de busca de significado.

## **Referências bibliográficas**

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver:** e um excelente motivo para se buscar um novo olhar para a vida. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada:** Tradução Oficial da CNBB. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CATECISMO da Igreja Católica. Brasília: Edições CNBB, São Paulo: Loyola, 19. ed 2017.

BRASIL. **Lei Federal N° 9.982, de 14 de julho de 2000.** Disponível em:

<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2000/lei-9982-14-julho-2000-360444-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 1 de Julho de 2021.

CAPELANIA HOSPITALAR; PASTORAL DA SAÚDE. **Sacramento da Unção dos Enfermos**: Deus cura corpo e alma. Londrina: 2012. Disponível em <<https://silo.tips/download/sacramento-da-unao-dos-enfermos-deus-cura-corpo-e-alma>> . Acesso em 1 de Julho de 2021.

ESCRIVÁ, Josemaria. **Caminho**: comentários de Pedro Rodrigues. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2016.

EYMARD, Pedro Julião. **A divina Eucaristia**: Extratos dos escritos e sermões de São Pedro Julião Eymard, vol. 1. Tradução de Mariana Nabuco. 3. ed. São Paulo: Palavra e Prece, Taubaté: Missão Sede Santos, 2002.

FRANCISCO. **Lumen Fidei**: Sobre a fé. (falta tradutor). São Paulo: Edições Loyola; Paulus Editora, 2013.

HAHN, Scott. **O banquete do cordeiro**: Missa segundo um convertido. Tradução de Robson Carvalho. Lorena: Cléofas, São Paulo: Edições Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. **Razões para crer**: como entender, explicar e defender a Fé católica. Tradução de Luiz Claudio Moraes Correia. Lorena: Cléofas, 2018.

JESUS, Teresa de. Poesias. *In* :**Obras completas**. 7. ed. São Paulo: Edições Carmelitanas, Edições Loyola, 2015. p. 957.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Fides et ratio**. Vaticano: 1998. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html)>. Acesso em 1 de Julho de 2021.

\_\_\_\_\_.**Carta encíclica Salvifici Doloris**. Vaticano:1984. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1984/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_11021984\\_salvifici-doloris.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris.html)>. Acesso em 1 de Julho de 2021.

MONTFORT, Luís Maria Grignon de. **O segredo admirável do santíssimo rosário**. Tradução de Robson Carvalho. 1. ed. Campinas: Ecclesiae, 2016.

PINTO, Ênio Brito. **Os padres em psicoterapia**: explicando singularidades. São Paulo: Ideias & Letras, 2012.

WOODS JR., Thomas E.. **Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental**. Tradução de Élcio Carillo. 9. ed. São Paulo: Quadrante, 2014.

## Morte e luto sob a perspectiva umbandista

Jociane Casellas

*“Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estarmos vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior do nosso ser e da nossa realidade mais íntima, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos.”*

*Joseph Campbell, 1990*

Ao falar sobre morte, é fundamental que tenhamos em mente que cada pessoa, cada sociedade, cada cultura e cada religião tem uma forma de compreender o fenômeno da morte. Logo a crença religiosa professada é um fator importante e, nesse caso, pode interferir na interpretação e na elaboração do processo da morte e do luto.

É pertinente ressaltar que também no campo da saúde, no que se refere aos cuidados da pessoa enferma e seus familiares, aspectos religiosos muitas vezes são tomados como fontes de fortalecimento para o enfrentamento de uma situação de adoecimento e de vulnerabilidade física e emocional.

Ciência e religião vêm se aproximando nos últimos tempos, as pesquisas na área são cada vez mais crescentes.

Nesse sentido, é interessante observar que mesmo o Brasil, sendo um país que tem a religião exercendo um papel fundamental na vida dos brasileiros, não há nas instituições hospitalares a tradição de ter em seus quadros de colaboradores vaga para o trabalho do/a capelão/ã de maneira formal. Quando esse serviço é oferecido é de forma voluntária e muitas vezes fragmentada, sem o devido diálogo com as demais áreas da instituição. Sendo assim a inserção deste profissional nas equipes multidisciplinares é rara, e quando há necessidade o/a líder espiritual do paciente e da família é contactado por eles mesmos ou por alguém da equipe multidisciplinar (ESPERANDIO, LEGET, 2020).

No caso do ritual de despedida na iminência da morte, é de fundamental importância compreender, respeitar e considerar as crenças e rituais religiosos como um meio dos familiares se despedirem do seu ente, podendo ser essa uma forma de aliviarem seu sofrimento (LISBÔA, CREPALDI, 2003).

No Brasil, encontramos uma diversidade cultural grande, como também manifestações religiosas das mais diversas origens. No censo de 2010, foram identificadas inúmeras religiões e em nosso país, as pessoas podem se declarar adeptas de uma religião como também podem mesclar nas suas crenças, valores, práticas e rituais de outras religiões a fim de promover e exercer sua espiritualidade (DEZORZI, RAYMUNDO, GOLDIM, 2016).

Dessa forma, encontramos no Brasil religiões de raízes africanas que possuem práticas ritualísticas, valores e crenças muito próprios. A Umbanda por exemplo, religião genuinamente brasileira, originada em 15 de novembro de 1908, no Rio de Janeiro, pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas por intermédio de Zélio Fernandino de Moraes. Na ocasião ele assim a definiu: Umbanda é a manifestação do espírito para a prática da caridade (CUMINO, 2014).

Diferentemente da doutrina espírita kardecista, a Umbanda não foi codificada, apresentada e explicada através de obras escritas. A Umbanda foi manifestada, e o Espiritismo foi explicado através das obras de Kardec (CUMINO, 2014). No entanto, a Umbanda é também uma religião que tem bases e fundamentos.

A Umbanda surgiu da necessidade de uma nova realidade espiritual, religiosa e cultural. Surge do encontro das culturas dos povos originários brasileiros, do povo negro africano e do branco europeu que, somadas, formam a base da nossa cultura (CUMINO, 2014). Dessa forma, é importante destacar que encontramos na Umbanda o sincretismo religioso, ou seja, a união de elementos de diferentes religiões, estando presentes representações do catolicismo através dos santos e do espiritismo por entender e acreditar na reencarnação.

### **Compreensão da morte**

Na Umbanda não existe tabu. Não há nenhum assunto na Umbanda que seja interdito ou que não se possa falar. Na Umbanda, tudo pode e deve ser abordado à luz da razão e do saber, nenhum assunto é proibido e tudo serve para o crescimento e evolução (CUMINO, 2014). Sendo assim, a morte também passa a não ser tabu.

Para Vieira e Saraceni (2014), a morte é um ato de vida e dentro da religião da Umbanda a morte é uma dissolução progressiva do indivíduo que, ao desencarnar, se defronta com uma zona de transição entre o mundo da matéria e o mundo astral.

Para os adeptos da religião, não se pode fugir à Lei imutável de que há vida após a

morte. Dessa forma, a vida eterna é a existência do espírito que depois de um período no plano astral reencarna, volta ao corpo material algumas vezes para ampliação da consciência do ser e continua no caminho da evolução e do crescimento, pois no entendimento das religiões espiritualistas, essa vida é apenas um estágio para que possamos adquirir compreensão de determinadas coisas e evoluir (VIEIRA, SARACENI, 2014).

Nessa perspectiva, Saraceni nos coloca que com a morte o que muda é apenas a vibração pois o plano de vida passa a ser o espiritual. Nas suas palavras, Vida e Morte constituem um único ciclo de vida, no qual o nascimento corresponde à entrada no mundo material e a morte à entrada na vida espiritual (VIEIRA, SARACENI, 2014).

Grande parte das culturas entendem o cemitério, também chamado de campo-santo, como um lugar sagrado, onde os corpos sem vida são devolvidos ao Criador. Nesse sentido os mortos merecem nosso respeito e devem ser lembrados com amor, pois tais sentimentos os auxiliarão em sua caminhada evolutiva (VIEIRA, SARACENI, 2014).

Temos por obrigação cuidar da vida enquanto encarnados, e da melhor maneira possível enfrentarmos nossas dificuldades, limitações, falhas. Reconhecendo que somos imperfeitos e que estamos aqui com a finalidade maior de evolução espiritual, e buscando nossa melhoria contínua a fim de superar todas as adversidades impostas, é mudando nossas atitudes tanto para com nossos semelhantes como para conosco mesmo, que vamos encontrar uma maneira de viver a vida de forma mais plena e mais consciente.

### **Ritual fúnebre umbandista**

Ritos de passagem configuram momento de grande importância, significado e simbolismo para as pessoas que enfrentam a morte de alguém conhecido ou familiar. Sem esses ritos o processo de elaboração do luto pode sofrer prejuízos significativos e agravos na esfera física e psíquica.

Cada sociedade e cada cultura estabelece suas formas de ritualizar aquilo que considera ser a separação dos dois mundos, dos vivos e dos mortos, pois os rituais em torno da morte, assim como quaisquer outros rituais, refletem valores e crenças compartilhadas por cada grupo, sendo esses rituais formas indispensáveis para solidificar vínculos, partilhar emoções, valorizar certas situações, assegurar e reforçar a coesão social (GIAMATTEY, 2020).

Os rituais fúnebres indicam a ideia de que a sequência de atividades humanas se completou e assim a sociedade toma conhecimento do término das relações sociais daquele indivíduo. A pessoa precisa morrer para sua família e para a sociedade, encerrando seu papel e participação nesta condição (GIAMATTEY, 2020).

Vieira e Saraceni (2014) descrevem dois momentos importantes na cerimônia fúnebre do ritual da Umbanda. Os procedimentos são realizados pelo sacerdote umbandista,

ou seja, o pai ou mãe de santo. São eles:

- Purificação do corpo
- Encomenda do Espírito

### ***Purificação do corpo***

1º) Purificação do corpo com incenso (defumação): o objetivo da defumação é envolver o espírito em uma camada isolante, para isso recomenda-se o uso de incensos que tenham propriedade depuradora e purificadora como guiné e palha de alho.

2º) Purificação do corpo com água consagrada: o objetivo da aspersione da água consagrada sobre o corpo é a purificação do corpo de todo e qualquer resquício material ainda agregado nele.

3º) Cruzamento do corpo ou do caixão (se estiver lacrado) com a pomba (giz): o objetivo de cruzar com a pomba branca a testa, a garganta e as costas da mão da pessoa falecida é de livrar o corpo de qualquer resquício de cruzamento material que possa estar agregado a ele, tornando-o livre para alçar seu voo espiritual rumo às esferas superiores.

4º) Cruzamento do corpo com óleo de oliva: o objetivo é untar o corpo, cruzar a testa, as costas das mãos e o peito do pé da pessoa falecida com o óleo, anulando resquícios de forças contrárias e purificação do espírito.

5º) Borrifação do corpo com essências e óleos essenciais: ao aspergir o óleo essencial aromático da cabeça aos pés do corpo da pessoa falecida, envolve-se seu espírito numa aura perfumada.

Sugestão de essências: Alfazema, Olíbano, Cipreste, manjerona, Sândalo.

Em todos os atos são proferidas palavras de elevação, orientação, e encaminhamento do espírito às esferas astrais mais elevadas.

### ***Encomenda do Espírito***

1º) Apresentação da pessoa falecida: o próprio sacerdote umbandista ministrante do sacramento ou alguém que conhecia bem a pessoa falecida, neste momento da cerimônia deve proferir algumas palavras sobre ela aos presentes.

2º) Palavras acerca da missão dos espíritos: o sacerdote ministrante deve recitar algum texto escolhido por ele ou recitar de si mesmo algumas palavras acerca da missão do espírito que encarna e do que ele leva para o mundo dos espíritos, quando do seu retorno

à morada maior.

3º) Prece ao Divino Criador

4º) Canto de Oxalá

5º) Hino da Umbanda

6º) Canto de Obaluaiê

7º) Canto ao orixá de cabeça da pessoa falecida: nesse momento o sacerdote ministrante profere palavras sobre o orixá de cabeça da pessoa falecida, pedindo-lhe amparo ao espírito do seu filho, durante o seu retorno ao mundo dos espíritos

8º) Despedida dos presentes à cerimônia

9º) Fechamento do caixão

10º) Transporte do corpo ao cemitério ou crematório

11º) Enterro do corpo: o caixão, após ser depositado dentro da cova, deve receber uma fina camada de pomba ralada, antes de ser coberto pela terra.

12º) Cruzamento da cova: após o túmulo ser coberto de terra e as flores serem depositadas sobre ele, o sacerdote ministrante deverá cercar a cova com pomba ralada, criando um círculo protetor à sua volta. Acender quatro velas brancas: uma acima da cabeça, uma abaixo dos pés, uma do lado direito e outra do lado esquerdo, formando uma cruz ao redor da cova e proferindo uma prece em auxílio do espírito desencarnado. Em casos de cremação, o processo é feito antes dela.

As crenças religiosas podem oferecer aos seus adeptos a possibilidade de ressignificação da vida e da morte, assim como respostas para perguntas de cunho existencial acerca da morte, de processos de adoecimento, e auxiliam no enfrentamento do luto contribuindo para que as pessoas enlutadas não desenvolvam processos de luto complicado ou prolongado (OLIVEIRA, MALHEIROS, NEVES, 2019).

## **O processo de luto**

O enfrentamento da morte de um ente querido é o desafio mais difícil com que uma pessoa e uma família podem se defrontar, e não há dúvidas que a dor da perda é avassaladora do ponto de vista emocional e psíquico dos submetidos a esta circunstância (ALMEIDA et al, 2015).

O luto é um processo natural, saudável e necessário para a amenização e elaboração das dores provocadas pela morte de uma pessoa querida. Consiste em um trabalho subjetivo de estabelecer um novo equilíbrio das referências e representações de espaço, tempo e identidade. Além de ser considerado um processo normal, o luto é uma

resposta que impulsiona indivíduo a viver um processo de ajustes em todos os setores da vida (ALMEIDA et al, 2015).

Denomina-se luto um conjunto de reações que ocorrem diante da perda ou ruptura de vínculo significativo. Logo, o processo de luto é uma situação de estresse, ou seja, uma tentativa de adaptação a uma nova realidade, e as reações próprias desse processo coincidem com sintomas de estresse nas cinco grandes dimensões que constituem o ser humano (FILIPE, SHIMMA, 2018).

São elas, a dimensão intelectual, a dimensão emocional, a física, espiritual e social (FILIPE, SHIMMA, 2018). Todas elas podem sofrer algum tipo de impacto diante de uma perda significativa.

Dessa maneira, o processo de luto acontece de forma semelhante mas ao mesmo tempo particular entre as pessoas que o vivenciam, independente da presença ou não de uma crença religiosa.

Nessa perspectiva, adeptos da religião da Umbanda vão vivenciar seu processo de luto de acordo com seus repertórios internos e externos para o manejo desse momento, não havendo nada em especial na religião que diferencie a vivência desse momento, cujo processo é inerente à condição humana. No entanto, as crenças sobre o processo reencarnatório e evolução espiritual podem auxiliar na questão da compreensão e assimilação quando a morte ocorre.

O processo de luto é uma experiência natural e esperada, e acontece em resposta ao rompimento de um vínculo significativo. Sua importância reside na possibilidade de o indivíduo viver essa transição psicossocial, de maneira a poder incluí-la em sua vida sem a tentativa de anular essa relação (FRANCO, 2008).

Poderemos dizer que esse processo é um dos cenários onde a resiliência se expressa, pois trata-se de um recurso interessante e importante para o enlutado vivenciar essa experiência e construir sua vida a partir dela (FRANCO, 2008).

### **Espiritualidade em cuidados de saúde**

Nas últimas décadas, o tema da espiritualidade na área da saúde passou a receber maior notoriedade, com significativo aumento de publicações a esse respeito. Não há

dúvidas sobre que os aspectos espirituais e religiosos devam ser incorporados aos cuidados da pessoa enferma, muito embora haja questionamento sobre qual a melhor forma de acessar a dimensão espiritual do ser humano (SAPORETTI, 2009).

O sofrimento humano pode nascer em qualquer uma das dimensões que o compõe, física, psíquica, social, espiritual. Em se tratando da dimensão espiritual o sofrimento de alicerça na violação da essência do eu, caracterizando-se pela perda do sentido de vida e da identidade (SAPORETTI, 2009). Vale lembrar que a pessoa que enfrenta o adoecimento defronta-se com impactos que podem afetar todas essas dimensões, visto que uma não está dissociada da outra.

Outro aspecto importante a ser considerado quando se dispõe a acolher alguém em sofrimento é considerar toda diversidade cultural de espiritualidade e religiosidade que podemos encontrar na história de vida de cada pessoa que necessita de cuidados de saúde, tanto na esfera biológica como em termos do psiquismo.

Conhecer as diversas tradições espirituais bem como ter clareza de nossas próprias questões espirituais, fará toda diferença no cuidado da pessoa enferma. Não se pode auxiliar alguém em se tratando de questões espirituais sem antes conhecer nossa própria espiritualidade. À equipe cabe acolher as diferentes crenças e fé dos pacientes sem impor as suas verdades ou crenças. Deverá ser orientada quando ao respeito à individualidade dos pacientes visto que o cuidado espiritual cabe a todas as pessoas envolvidas no cuidado. Por outro lado, o atendimento religioso com seus ritos específicos pode ser incentivado pela equipe, mas ministrado pelo/a líder ou dirigente religioso/a habilitado/a (SAPORETTI, 2009).

### **Considerações finais**

Por acreditar na reencarnação, para os umbandistas a morte do corpo físico não representa o fim da vida, mas sim, o fim de um ciclo onde o espírito será encaminhado para uma esfera espiritual de acordo com sua faixa vibratória, ou seja, é o retorno do espírito à sua pátria espiritual, também chamada pelos umbandistas de Aruanda.

No entanto, ao adentrarmos no campo da espiritualidade e religiosidade de uma pessoa é fundamental entender como esses aspectos são vivenciados por ela e que eles podem variar de pessoa para pessoa conforme sua cultura, referências, crenças e valores.

Em um contexto terapêutico de cuidado, mais especificamente no campo da saúde, o apoio emocional e psíquico à pessoa que vivencia o adoecimento, o processo de morrer ou que passa pela perda de algum ente, é imprescindível.

A literatura tem nos mostrado que em momentos de enfrentamento e aceitação da morte, a religião tem desempenhado um importante papel. Cada vez mais é preciso considerar esse aspecto nas intervenções feitas em situações de morte. Em geral, a religião atua favorecendo consolo e apoio, elementos importantes em momentos de maior dor e dificuldade.

Compreender a relação que cada pessoa estabelece com os conceitos de saúde e doença, vida e morte, o que considera sagrado e divino, e todas as suas crenças de uma forma acolhedora é fundamental nesse contexto. Não cabe ao profissional de saúde impor ou sugerir qualquer crença ou forma de pensar que considere, sob seu ponto de vista, a mais adequada. Enfrentar situações de intenso sofrimento pode desencadear uma série de necessidades e cada pessoa trará sua trajetória espiritual - quando houver - da maneira que fizer mais sentido para si, não havendo certo ou errado, melhor ou pior, e sim possibilidades diferentes.

Acolher alguém em processo de adoecimento, de morte, ou luto, ouvir suas dores e sofrimento, reconhecendo sua dor e angústias como legítimas é o que vai ajudar o outro a encontrar o caminho para alívio e superação de qualquer experiência de vida dolorosa, podendo ser a religião apenas um desses caminhos.

## Referências

ALMEIDA, E.J., et al., **Dor e perda: análise do processo de luto**. Revista de Psicologia IMED, 2015.

CUMINO, A., **Umbanda não é macumba – Umbanda é religião e tem fundamento**. São Paulo, Madras, 1ª ed, 2014.

DEZORZI, L.W., RAYMUNDO, M.M., GOLDIM, J.R., **Espiritualidade na atenção a pacientes/famílias em cuidados paliativos: um guia de apoio para profissionais da saúde**. Porto Alegre: WW Livros 2016. ISBN: 978-85-68175- 41-5 (e-book).

ESPERANDIO, M., LEGET, C. **Espiritualidade em cuidados paliativos no Brasil: revisão integrativa de literatura**. DOI: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2020vol20i2a2>

FILIPPE, E.M.V., SHIMMA, E., **Morte por aids, perdas e luto**. In: Vida, morte e luto –

Atualidades brasileiras. São Paulo, Summus, 2018.

FRANCO, M.H.P., **A importância do luto**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, Edição 279, 2008.

GIAMATTEY, M.E.P., **Processo de Luto diante da Ausência de Ritual Fúnebre na Pandemia da COVID19: análise documental jornalismo online**. Dissertação mestrado profissional – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, Florianópolis, 2020.

LISBÔA, M.L., CREPALDI, M.A., **Ritual de despedida em familiares de pacientes com prognóstico reservado**. Paidéia, 2003,13(25), 97-109

OLIVEIRA, C.D.M., MALHEIRO, D.R., NEVES, M.L., **A visão e a influência das principais religiões sobre o entendimento da morte e do morrer:revisão de literatura**. In: Narrativas da fé: tradições religiosas, ancestralidade e resistência no Brasil contemporâneo. Ituiutaba, Barlavento, 2019.

SAPORETTI, L.A., **Espiritualidade em Cuidados Paliativos**. In: Cuidados Paliativos Discutindo a vida, a morte e morrer. São Paulo, Atheneu, 2009.

VIEIRA, L.C., SARACENI, R., **Manual doutrinário, ritualístico e comportamental Umbandista**. São Paulo, Madras, 5ª ed, 2014.

## **Doutrina Espírita ou Espiritismo: Os laços de amor são eternos**

Ilda Itaboray de Castillo

Maria da Conceição da Luz Ferreira

*"Nascer, morrer, renascer ainda e progredir  
sempre, tal é a lei". Allan Kardec*

### **Introdução**

Quando se enfrenta a morte de um ser querido, a crença religiosa do enlutado será muito importante, pois é também através dela que ele fará a interpretação deste acontecimento e de todas as emoções e sentimentos vividos ao longo da existência e os derivados da perda em si.

A morte provoca uma grande dor e nos apresenta o fato de não sermos eternos. A religião permite um espaço para reflexões sobre a vida e a morte. Para que possamos oferecer um melhor cuidado e acolhimento aos nossos pacientes no dia a dia ou para aqueles que estão hospitalizados e/ou no final de vida, é sumamente importante compreender a linguagem simbólica das diversas religiões. A ciência, cada vez mais, vem demonstrando uma relação positiva entre as práticas religiosas ou espirituais e uma boa saúde mental.

Em seu artigo Aguiar e Silva (2021) discute o fato de que ao longo da história vemos a ciência e a religião se enfrentarem. Nos últimos séculos, no entanto, a partir sobretudo da física quântica, a ciência tem estabelecido um diálogo franco com a religião. Esse espaço se ampliou com a importância que a espiritualidade e a religião passaram a ter para os estudos sobre a cultura e o seu significado para a população e sua apropriação pelos estudos da saúde física e psicológica da pessoa humana.

No entanto, os cursos da área de saúde onde a psicologia se insere dedicam um espaço muito reduzido para a preparação de seus profissionais para abordar questões religiosas que desde sempre estiveram presentes na história dos pacientes.

Quando analisamos o significado que possui para a atenção em saúde, em especial na atuação da psicologia, esta questão torna-se ainda mais delicada uma vez que durante muito tempo foi exigido desse profissional uma posição de neutralidade quando questões como Religião e espiritualidade eram apresentadas pelos pacientes.

Na busca de se afirmar como ciência, a psicologia se distanciou desses temas os considerando como divergentes ou incompatíveis com uma postura científica. Em alguns casos esses temas figuraram entre os aspectos relacionados a psicopatologias.

Esses aspectos da subjetividade dos seres humanos pareciam, para o profissional de psicologia, não fazer parte da constituição psíquica dos pacientes e desta forma produzirem comportamentos, crenças ou influenciar na forma como estes profissionais se apropriam do binômio saúde/doença.

Um aspecto importante presente no estudo citado por Aguiar e Silva (2021) envolvendo dez psicólogos concluiu que o profissional de psicologia não deve permitir que seus valores religiosos/espirituais intervenham no processo terapêutico ou que os mesmos confrontem os valores dos pacientes.

No mesmo artigo Aguiar e Silva (2021) apresenta em um quadro algumas ideias citadas por diversos autores quando se busca o tema religião/espiritualidade. Seleccionamos as principais: aproximação/conexão com o transcendente; transcende a existência humana; experiência individual; está relacionada com o sentido da vida; envolve a existência humana em todas as dimensões; é universal; elemento inerente ao ser humano.

São estes temas que trataremos ao apresentar a colaboração do estudo da doutrina espírita nesta obra.

### **Aprofundando a temática**

*“A crença na vida futura mostrando a perpetuidade das relações entre os homens, estabelece entre eles uma solidariedade que não se quebra na tumba...” Allan Kardec*

Em 18 de abril de 1857, foi apresentado ao mundo o *Livro dos Espíritos*, assinalando uma nova era de fé raciocinada, de lógica, de investigação. Com ele, o professor Hyppolyte Léon Denizard Rivail (Allan Kardec) apresenta um marco histórico do pensamento científico, filosófico, ético-moral; confirmando o espiritualismo e instrumentalizando a criatura espiritualista para viver de acordo com a realidade da vida espiritual.

As ideias sobre uma vida além da morte não são novas, sempre estiveram presentes na humanidade. Considerada como o Consolador prometido por Jesus, a

Doutrina Espírita, através do minucioso trabalho de Kardec, nos traz diversos ensinamentos recebidos dos espíritos, e o principal é a certeza de uma vida após a morte.

A Doutrina Espírita vem revelar aos homens, por meio de provas irrefutáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e suas relações com o mundo material. Esclarece a origem, a natureza e o destino dos espíritos. Possui um tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso, e estabelece princípios fundamentais que constituem seu alicerce, a saber:

#### **- Existência de Deus:**

A Doutrina Espírita ensina que o ser humano sempre carregou em si o sentimento intuitivo da existência de Deus.

No *Livro dos Espíritos*, na Questão nº1, encontramos a seguinte definição: "*Deus é a inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas*" p.55 (2019). Acima de todas as inteligências que existem no Universo está, portanto, a inteligência Divina.

Em relação a ser Deus a causa de tudo o que existe no Universo, temos na própria ciência o melhor argumento: "não existe efeito sem causa." Ao procurar a causa de tudo que existe no Universo, e que não seja obra do homem, a lógica nos leva a concluir que se trata de uma obra de Deus.

Quando alcançar um desenvolvimento mais equânime e equilibrado - um engrandecimento e elevação de quatro aspectos de sua individualidade: intelectual, emocional, moral e espiritual -, finalmente o homem se conscientizará da existência divina.

Em *O Livro dos Espíritos* (questão 13) e em *Obras Póstumas* (primeira parte, item I) são citados os atributos de Deus: eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom.

*Deus é eterno. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada, ou, então, também teria sido criado, por um ser anterior. É assim que, pouco a pouco, remontamos ao infinito e à eternidade. É imutável. Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o universo nenhuma estabilidade teriam. É imaterial. Quer isto dizer que a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, Ele não seria imutável, porque estaria sujeito às*

*transformações da matéria. É único. Se muitos deuses houvessem, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo. É onipotente. Ele o é, porque é único. Se não dispusesse do soberano poder, algo haveria mais poderoso ou tão poderoso quanto ele, que então não teria feito todas as coisas. As que não houvesse feito seriam obra de outro Deus. É soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das leis divinas se revela, assim nas mais pequeninas coisas como nas maiores, e essa sabedoria não permite se duvide nem da justiça nem da bondade de Deus. Grifo nosso. p. 58 (2019)*

### **- Imortalidade do Espírito**

A imortalidade da Alma é uma das mais importantes revelações para a Humanidade; ela deixou de ser uma crença para passar a ser uma realidade após as experiências que deram origem ao espiritismo.

Através dela, segundo a Doutrina Espírita, se assegura a realidade do futuro e a certeza de atingir a perfeição a que todos se destinam, pois ela oferece um estímulo permanente à transformação do ser humano para o Bem.

Em Obras Póstumas, para Kardec: “Há no homem um princípio inteligente a que se chama ALMA ou ESPÍRITO, independente da matéria, e que lhe dá o senso moral e a faculdade de pensar.” p.32 (2019)

“A alma do homem sobrevive ao corpo e conserva a sua individualidade após a morte deste”. p.33 (2019)

“A sobrevivência desta à morte do corpo está provada de maneira irrecusável e até certo ponto palpável pelas comunicações espíritas.” p.34 (2019)

“De observação em observação, se chegou ao reconhecimento de que esse ser invisível, a que deram o nome de Espírito, não é senão a alma dos que viveram corporalmente, aos quais a morte arrebatou o seu grosseiro invólucro visível, deixando-lhes apenas um envoltório etéreo, invisível no seu estado normal”. O Livro dos Médiuns p.25 (2020).

### **- Pluralidade das Existências**

A Doutrina Espírita tem como um de seus pressupostos a pluralidade das existências, e sob este aspecto afirma que todos somos espíritos e que, ao sermos criados por Deus, passamos por várias existências com o objetivo de atingir o máximo de evolução; somente assim nos tornaremos espíritos puros e habitaremos mundos compatíveis com o

nosso grau de evolução.

No Livro dos Espíritos no capítulo VI questão 166, Kardec pergunta aos espíritos:

*Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se? “Sofrendo a prova de uma nova existência”. a) - Como realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito? “Depurando-se, a alma indubitavelmente experimenta uma transformação, mas para isso necessária lhe é a prova da vida corporal”. b) — A alma passa então por muitas existências corporais? “Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse o desejo deles”. c) — Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender? “Evidentemente”. p.123 (2019)*

Neste mesmo capítulo Kardec ainda dialoga com os espíritos sobre outras questões que causam controvérsias como a justiça da reencarnação, que é definida por ele como expressão da justiça de Deus que ao permitir a reencarnação deixa claro que: “todos os espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal”. p.124 (2019)

#### **- Comunicabilidade entre Encarnados e Desencarnados**

De acordo com a Doutrina Espírita, os espíritos daqueles que viveram a vida corporal podem se comunicar com os seus entes queridos ou com os seus desafetos. Essa comunicação se dá através do pensamento e é mais frequente do que a maioria das pessoas acreditam.

As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corpóreo estão na ordem natural das coisas e não constituem fato sobrenatural, tanto que de tais comunicações se acham vestígios entre todos os povos e em todas as épocas.

Sobre o tema, a Doutrina Espírita no Livro do Espíritos pergunta 936 responde a seguinte pergunta: *Que se deve pensar da opinião daqueles que consideram profana as comunicações com os do além túmulo?* Resposta:

... *“A possibilidade de nos pormos em comunicação com os Espíritos é uma dulcíssima consolação, pois que nos proporciona meio de conversarmos com os nossos parentes e amigos, que deixaram antes de nós a Terra. Pela evocação, aproximamo-los de nós, eles vêm colocar-se ao nosso lado, nos ouvem e respondem. Cessa assim, por bem dizer, toda separação entre eles e nós. Auxiliam-nos com seus conselhos, testemunham-nos o afeto que nos guardam e a alegria que experimentam por nos lembrarmos deles. Para nós, grande satisfação é sabê-los ditosos, informar-nos, por seu intermédio, dos pormenores da nova existência a que passaram e adquirir a certeza de que um dia nos iremos a eles juntar”... p.419 (2019)*

#### **- Pluralidade dos Mundos Habitados**

No Livro dos Espíritos questão n°55, Kardec pergunta: *São habitados todos os globos que se movem no espaço?* *“Sim, e o homem terreno está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição. Entretanto, há homens que se têm por espíritos muito fortes e que imaginam pertencer a este pequenino globo oprivilégio de conter seres racionais. Orgulho e vaidade! Julgam que só para eles criou Deus o Universo”.* p.71. (2019)

Os diversos mundos são formados por diferentes substâncias e seus habitantes possuem corpos compatíveis com a densidade e volatilidade dessas mesmas substâncias. Por esse motivo, a linguagem utilizada pelos Espíritos fala da existência de uma pluralidade de mundos habitados.

No livro *A Gênese*, no capítulo VI, item 16, Kardec escreve sobre este tema:

*“16 ... Saibamos que, assim como estamos colocados no meio de uma infinidade de mundos, também estamos no meio de uma dupla infinidade de durações, anteriores e ulteriores; que a criação universal não se acha restrita a nós, que não nos é licito*

*aplicar essa expressão à formação isolada do nosso pequenino globo”. p.101 (2019)*

Deus povoou de seres vivos os mundos, concorrendo todos esses seres para o objetivo final da Providência – PROGREDIR SEMPRE. Acreditar que só os haja no planeta que habitamos seria duvidar da sabedoria de Deus, que não fez coisa alguma inútil. De certo, a esses mundos há Ele de ter dado uma destinação mais séria do que a de nos recrearem a vista. Aliás, nada há, nem na posição, nem no volume, nem na constituição física da Terra, que possa induzir à suposição de que ela goze do privilégio de ser o único planeta habitado, com a exclusão de tantos milhares de milhões de mundos semelhantes.

De acordo com a Doutrina Espírita a Terra é apenas um dos planetas habitados que conhecemos, isso se deve a existência de uma Lei geral que rege o Universo e, por esse modo, existem vários mundos habitados que oferecem diferentes possibilidades de evolução e aprendizado para os espíritos. Afirma ainda que a Terra neste momento é um planeta de prova e expiação que, no terceiro milênio, deverá passar por uma grandetransformação, onde haverá o predomínio do bem, tornando-se um planeta de regeneração.

### **Doutrina e Finitude**

*“A morte não separa os que se amam”. Chico Xavier*

Para a Doutrina Espírita, a morte não é o fim, um ponto final, e sim, uma transformação. Quando uma pessoa morre, se utiliza a palavra *desencarnação*.

Desencarnar significa a separação do espírito do seu corpo físico. E o espírito continuará a viver em outra dimensão, a espiritual. Desde outro plano, seguirá sendo o mesmo, entretanto, com a visão espiritual expandida. Depois de uma jornada de vida no corpo físico, onde teve a oportunidade de aprender com cada pessoa com quem compartilhou e com cada experiência que vivenciou, irá manter todos os conhecimentos e sentimentos adquiridos, as saudades dos seres amados que ficaram, as alegrias e decepções que sentiu, os amores que teve e também todas aquelas imperfeições que ainda não conseguiu superar.

Para o espírita, a morte é a exaustão dos órgãos e o fim do princípio vital, que junto com o corpo físico e o espírito caracterizam a vida. Este princípio vital é retirado

do fluido cósmico universal, uma energia que está em todo o universo e é um intermediário entre a matéria e o espírito.

No Espiritismo, a ideia da morte sempre se relaciona com uma passagem para o plano espiritual e essa compreensão da morte ajuda seus fiéis a enfrentá-la. Vida e morte serão ressignificadas para os espíritas a partir de sua crença na reencarnação. Acreditam em uma vida além da morte, o que significa que o preparo para a vida espiritual deve começar na vida terrena. Entendem que vida atual e vida futura se conectam estreitamente e dão lugar a uma série de causas e efeitos que a morte não interrompe.

### **Doutrina e Luto**

*“A saudade é a presença da pessoa ausente; é a ausência da pessoa presente”.*

*Stevenson*

Para os espíritas, a realidade da morte é encarada com mais naturalidade, por crerem na continuidade da vida em outra esfera.

A Doutrina se caracteriza pela inexistência de rituais, sacramentos, posturas ou roupas especiais. Para acolher familiares e amigos, os momentos de despedida são realizados principalmente para que a alma que está retornando ao plano espiritual receba as vibrações de carinho e amor, através das homenagens feitas por palavras ou pelos bons pensamentos e orações. Para eles, o mais importante é uma prece feita com sentimento.

Elaboram seus lutos de maneira parecida aos seguidores de outras religiões cristãs, todas as conversas estão relacionadas às saudades sentidas, ao evento vivenciado, à pessoa falecida, e pouco a pouco, existe uma volta à normalidade, retomando as atividades do cotidiano. Talvez devido à filosofia seguida, o tempo desta elaboração seja reduzido e igualmente o sofrimento associado ao mesmo.

O Espiritismo é chamado de “O Consolador”, aquele que consola, que diminui a dor ou a aflição, procurando auxiliar o enlutado a passar o momento difícil, a enfrentar a realidade, contribuindo dessa maneira para um raciocínio mais lógico e mais tranquilo sobre a morte.

Para os espíritas, a dor da partida de um ser querido também é enorme, eles choram e sentem como todas as pessoas das diversas crenças. Sob esse ponto de vista, a diferença consiste na aceitação da morte como uma etapa da vida, podendo vivenciar o luto de uma maneira mais tranquila, entendendo que não perdeu o ser amado e sim a convivência

material com ele. Um outro aspecto consiste na esperança de um reencontro futuro com seu ser amado.

Todos, algum dia, se indagam: Por que morrem? O que existe depois da morte? Para onde vão? Para onde foi o seu ser amado que faleceu? Um dos propósitos da Doutrina Espírita é oferecer respostas para essas perguntas.

O desencarne acontece por muitas razões, causas naturais (envelhecimento), doenças, acidentes, crimes violentos, suicídio. O momento atual apresenta as mortes resultantes das complicações da Covid-19 como mais uma forma de morte que se caracteriza como um verdadeiro desaparecimento daquele que falece devido ao curto espaço de tempo entre o adoecimento e a morte.

E quando isso acontece, é preciso encarar o luto pela morte de quem estava ali agora mesmo, mas um segundo depois já não mais está. O Espiritismo se propõe a oferecer meios de compreender melhor este processo, ao afirmar que a vida não acaba no túmulo, e consiste no início de uma nova etapa.

Para a Doutrina Espírita, a morte, assim como o nascimento, são transições entre os dois Planos da Vida: o Plano material, onde acontece a vida física, e o Plano Espiritual.

Outro questionamento comum: meu familiar faleceu e eu tinha muita coisa para dizer, gostaria de saber o que faço com as coisas que não pude falar? A resposta da Doutrina Espírita para esse questionamento consiste no que foi descrito na resposta à pergunta 320, onde é perguntado aos espíritos se a lembrança daqueles que os amaram os sensibilizam. Eles respondem que *“Muito mais do que podeis supor. Se são felizes, esse fato lhes aumenta a felicidade. Se são desgraçados, serve-lhes de lenitivo”*. p.186 (2019)

Como é através do pensamento que ocorre a comunicação entre encarnados e desencarnados, a Doutrina Espírita vai dizer que ao pensar no ente querido e ao dirigir-lhe um pensamento de carinho lembrando os momentos em que podiam conversar, o espírito poderá receber as mais belas mensagens de amor e gratidão pelos momentos vividos no plano físico. É assim que aqueles que viveram relações de afeto e partilha, podem expressar todos os seus melhores sentimentos aos seus entes queridos.

Os Espíritos afirmam na questão 289 de *“O Livro dos Espíritos”*, que os parentes e amigos costumam vir ao encontro daqueles que deixaram a Terra. Ou seja, quando morrem, os espíritos se reencontram com aqueles que amam e que se foram antes deles. Nesse ponto, a Doutrina Espírita expressa o amor de Deus pelos seus filhos.

O livro *“O Evangelho segundo o Espiritismo”* (capítulo V, item 21), diz o seguinte sobre como superar a dor da perda de um familiar:

*“Vós, espíritas, porém, sabeis que a alma vive melhor quando desembaraçada do seu invólucro corpóreo. Mães, sabeis que vossos filhos bem-amados estão perto de vós; sim, estão muito perto; seus corpos fluídicos vos envolvem, seus pensamentos vos protegem, a lembrança que deles guardais os transporta de alegria.” p.95 (2019)*

Todo aquele que está sofrendo a dor de uma perda poderá encontrar em um Centro Espírita um novo espaço de acolhimento. A ideia da imortalidade, de uma vida após a morte, pode proporcionar um alívio, um conforto para o enlutado que, imerso em sua dor, alterna-se entre a procura e a ilusão de encontrar aquele a quem amou, com quem conviveu e que agora não existe mais.

O sofrimento do outro é respeitado e se reconhece que o seu desconhecimento sobre a eternidade do espírito e sobre as leis divinas causam intranquilidade ao ser. Todo auxílio possível é dado ao enlutado, desde passes, afeto e aconselhamento, apoio emocional, além do trabalho de psicografia. Os cursos, eventos e materiais sobre a Doutrina também são sugeridos como uma forma de compreender mais o que está acontecendo.

Dessa forma, a assimilação dos conhecimentos espíritas se propõe a ajudar no entendimento da transitoriedade da vida material, e a fortalecer a pessoa para que possa superar a saudade daqueles que partiram, mas que não desapareceram para sempre. Essa é a consolação apresentada pelo Espiritismo.

Para a Doutrina Espírita o fim da vida corporal proporciona ao espírito o retorno à vida de liberdade, uma vez que um dos fundamentos da Doutrina é a Pluralidade das Existências. Esse princípio afirma que a volta para o mundo espiritual pode ser comparada a libertação de um preso após um longo período no cativeiro. Lamentar indefinidamente a morte física de alguém seria uma demonstração de egoísmo uma vez que aquele que fica poderá experimentar um dia o seu momento de liberdade.

Outra forma de explicar consiste em provocar a reflexão sobre a morte como a ida do ser querido para outro país por motivo de trabalho, estudo ou para fazer um tratamento de saúde que proporcionasse uma grande melhora na aquisição de experiência profissional, conhecimentos e/ou da saúde. Esse ser amado ficaria por algum tempo longe da companhia dos seus, mas manteria contato através de vários meios (memórias,

pensamento), sendo a separação apenas material. Tal situação não seria aceitável se fosse para o bem-estar desse ser querido e se fosse assegurada a possibilidade de um reencontro em outra oportunidade?

A Doutrina Espírita trata desse tema com muita leveza. Segundo ela, ao desencarnar, o espírito retorna para o plano espiritual e lá permanece até que com a permissão de Deus possa reencarnar e continuar sua existência corporal. No retorno ele pode ter a permissão de voltar na mesma família se isso for necessário para o seu progresso ou poder reencarnar em outra família, outro país e até mesmo em outro mundo já que existem vários mundos habitados.

O Evangelho Segundo o Espiritismo afirma que nenhum fenômeno que afeta a humanidade acontece sem que haja uma causa inteligente. Deus em sua soberana bondade e justiça não permitiria que os seres humanos fossem submetidos à dor e sofrimento sem uma causa.

### **Considerações Finais**

*“Estamos acostumados a ligar a palavra morte apenas a ausência de vida. Porém ao sermos visitados por ela através de um ente amado, tudo muda... nossos afetos continuam vivos, os laços não foram cortados”.*

*Armando Falconi*

A criatura humana recusa-se a pensar na morte porque isso dói. Ao meditar, refletir sobre a questão, vê revelada sua própria fragilidade, sua finitude, o seu despreparo diante do magno assunto.

O Espiritismo, ao decodificar a mensagem de imortalidade deixada por Jesus, esclarece o significado do que os seres humanos verdadeiramente são: Espíritos imortais, temporariamente encarnados em corpos mortais!

Mesmo estando acompanhado por religiosos, amigos e parentes que com suas palavras e presença tentam ajudar a consolar a perda, diminuir o vazio e o desconforto presentes no íntimo de quem passa por esta realidade, irá ocorrer um questionamento cujas respostas não são oferecidas, porque a maioria das pessoas desconhece o tema na sua essência e profundidade.

Ao não encontrar as respostas que buscam, a dor vai parecer-lhes mais forte, chegando mesmo a desconfiar da Bondade e da Justiça de Deus. Não sabendo dar vazão ao sofrimento, tornam-se amargas e revoltadas.

A Doutrina Espírita possui explicações lógicas, claras, racionais e concretas sobre as causas desse tipo de sofrimento através da Lei de Causa e Efeito, facilitando assim o reencontro com o Deus Justo e Bom. Ele não impõe castigos nem sofrimentos desnecessários. A Doutrina Espírita busca ver esse acontecimento como uma grande oportunidade de crescimento em que o sofrimento não é um mal em si mesmo, ele capacita os indivíduos a enfrentar novas experiências e a crescer como filhos de Deus.

O livro *O Evangelho segundo o Espiritismo* afirma: “O Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba de onde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança”. p.107 (2019)

Viver em fraternidade, abrir espaço para ajudar o outro... A caridade é a alma do Espiritismo: ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes.

O Espiritismo é uma Doutrina que projeta Luz, proporciona a perspectiva de continuidade do ser que é imortal e eterno; estes elementos pacificam a alma nos momentos das despedidas e oferecem maiores chances de consolo.

Sugestões de livros e filmes que servem como literatura para o aprofundamento do tema.

#### **Livros:**

- O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - Editora FEB
- O Livro dos Médiuns - Allan Kardec - Editora FEB
- O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec - Editora FEB
- O Céu e o Inferno - Allan Kardec - Editora FEB
- A Gênese - Allan Kardec - Editora FEB
- Obras Póstumas - Allan Kardec - Editora FEB
- Depois da Morte - León Denis - Editora FEB
- Memórias de um Suicida - Yvonne do Amaral Pereira - Editora FEB
- Na Hora do Adeus - Luiz Sergio - Editora Recanto
- Nossos Filhos São Espíritos - Hermínio C. Miranda - Editora Lachatre
- Obras de André Luiz - Coleção A vida no mundo espiritual - Editora FEB
- Obras variadas de Divaldo Pereira Franco - Editora LEAL
- Obras variadas de Francisco Cândido Xavier - Editora FEB

- Perda de pessoas amadas - Armando Falconi Filho - Editora EME
- Voltei - Irmão Jacob - Editora FEB

#### **Livros Infantis:**

- Íris - uma despedida - Gudrun Mebs e Beatriz Martin Vida – Editora Pulo do Gato
- Onde está você - Tammara Webber – Editora Verus
- Para onde vamos quando desaparecemos - Isabel Minhós Martins – Editora Planeta Tangerina
- Quando abro os olhos - Agne Bruziene – Editora Mov Palavras

#### **Filmes Adultos:**

- Nosso Lar
- Chico Xavier
- Bezerra de Menezes – O Diário de um Espírito
- Divaldo – O Mensageiro da Paz
- Kardec: A história por trás do nome
- As Mães de Chico Xavier
- E a vida continua
- A Cabana
- Ghost do Outro Lado da Vida
- Amor Além da Vida
- Primeiro amor
- Um Olhar no Paraíso
- Minha Vida na Outra Vida

#### **Filmes Infantis:**

- O Rei Leão
- Viva - A vida é uma festa
- Soul
- UP
- Divertidamente
- Lilo & Stitch
- A Casa Monstro

**Páginas Web:**

Federação Espírita Brasileira: <https://www.febnet.org.br>

Mansão do Caminho: <http://mansaodocaminho.com.br>

Referencias:

AGUIAR, BEATRIZ FONSECA & SILVA, JÉSSICA PLÁCIDO. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**. Salvador, 2021 Março- acesso em 25/07/2021

FILHO, A. F. **Perda de pessoas amadas**. 1ª edição. Capivari - São Paulo. EME. Junho 2015.

KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo** - 131ª edição - (Edição Histórica). Brasília - DF - Brasil. FEB. Maio 2019.

KARDEC, A. **Obras Póstumas** - 41ª edição - (Edição Histórica) Brasília – DF - Brasil. FEB. Julho 2019

KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns ou, guia dos médiuns e dos evocadores** - 81ª edição - (Edição Histórica) - Brasília – DF- Brasil. FEB. Fevereiro 2020

KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos** - 93ª edição – (Edição Histórica) - Brasília – DF- Brasil. Editora FEB. Maio 2019

KARDEC, A. **A Gênese os milagres e as predições segundo o Espiritismo** - 53ª edição – (Edição Histórica) – Novembro 2019

## O VERBO SE FEZ CARNE

Tania Regina da Silva.

A morte não é nada  
“A morte não é nada.  
Eu somente passei  
para o outro lado do Caminho.  
Eu sou eu, vocês são vocês.  
O que eu era para vocês,  
eu continuarei sendo.  
Me deem o nome  
que vocês sempre me deram,  
falem comigo  
como vocês sempre fizeram.  
Vocês continuam vivendo  
no mundo das criaturas,  
eu estou vivendo  
no mundo do Criador.  
Não utilizem um tom solene  
ou triste, continuem a rir  
daquilo que nos fazia rir juntos.  
Rezem, sorriam, pensem em mim.  
Rezem por mim.

Que meu nome seja pronunciado  
como sempre foi,  
sem ênfase de nenhum tipo.  
Sem nenhum traço de sombra  
ou tristeza.

A vida significa tudo  
o que ela sempre significou,  
o fio não foi cortado.  
Porque eu estaria fora  
de seus pensamentos,  
agora que estou apenas fora  
de suas vistas?

Eu não estou longe,  
apenas estou  
do outro lado do Caminho...

Você que aí ficou, siga em frente,  
a vida continua, linda e bela  
como sempre foi.”<sup>2</sup>

*Santo Agostinho*

---

<sup>1</sup> <https://www.padrereginaldomanzotti.org.br/artigo/a-morte-nao-e-nada-santo-agostinho>,

## INTRODUÇÃO.

Certa ocasião, preparando um sermão, fiquei refletindo sobre uma ilustração que gostei muito. Imaginei que somos como um barco cujo construtor é o próprio Deus, nosso porto seguro é o útero de nossa mãe, onde o óvulo fecundado é ancorado, ali Deus tem um tempo só dele, para nos dar os contornos de uma vida inteira. Quando sua atuação termina, o corpo dá o anúncio à futura mamãe de que está gerando uma vida, o barquinho se constrói e nove meses depois ele, no parto, é lançado no mar da vida. E durante a nossa jornada, vamos tendo experiências, crescimentos, carregamento de tantas memórias, emoções, amores, dissabores, alegrias, tristezas, sorrisos, lágrimas, esperanças, objetivos, lutas, conquistas, viagens, idas e vindas, medos, angústias, dores, ganhos, perdas, vida, finitude, morte e partida. Fim da linha? Acabou?

Em nossa reflexão, o barquinho pode retornar ou não ao cais do Pai. Um dia, Ele nos moldou, nos enviou e aguarda que durante o curso de nossa jornada, escolhamos retornar para Ele, e a exemplo do pai do filho pródigo, Ele e Jesus, seu filho, nos receberão de volta em seus braços, teremos nossas vestes trocadas, receberemos um novo nome e um anel de pedra branca, para finalmente vivermos eternamente juntos.

A propósito, sou Cristã Protestante, mas aqui no Brasil, popularmente somos chamados, de maneira geral, de evangélicos. Como se não houvesse inúmeras denominações e cada qual trazendo dogmas e doutrinas que lhe são próprias. Nascida numa família de tradição católica apostólica romana, por um período, educada em escola religiosa católica, com deveres de ir à missa e ir para o confessionário, porém, (e não sei explicar), não fiz primeira comunhão, então as freiras não me deixavam participar, e ficava um bom tempo sentada em separado aos meus coleguinhas de classe. De uniforme, camisa branca de manga comprida e punho, saia plissada azul marinho, gravatinha azul marinho meias  $\frac{3}{4}$  brancas e sapatinho preto, no fim eu achava até bom, porque não entendia aquele ritual todo. Gostoso mesmo, era o pãozinho que o padre nos dava após a missa, para levarmos para casa e colocarmos dentro da lata de arroz, o meu pão com certeza, não durava tanto.

A vida seguiu seu curso, papai faleceu quando tínhamos nove anos de idade. Lembro-me de ter achado estranho ver meu pai deitado no caixão, pálido e com algodão nas narinas, mãos cruzadas sobre o peito. “Mãe, por quê o papai está deitado ali daquele

jeito?”. – “Ele está dormindo”, me disse ela. Nossa vida mudou. Cresci, namorei, casei-me, tive filhos, divorciei. Num culto chamado de Tarde da Bênção, dei de cara com a minha vida sendo pregada por um pastor recém-chegado à igreja, questionei à minha amiga que me fizera o convite, se ela havia contado minha vida para ele, o que ela de pronto negou. Suas palavras me desvelaram por inteira, e de modo estranhamente amoroso, me vi indo ao altar, entregando minha vida à Jesus, que me acolheu, me abraçou, me entendeu, e hoje ainda caminha comigo, apesar das minhas pisadas tortas. Convertida a este amor, comecei a frequentar e a seguir os dogmas e as doutrinas. Senti-me chamada ao ministério, após ser aprovada pela comunidade da igreja local, fui para o seminário, depois para a Universidade, formei-me e segui o caminho pastoral. Fui para outra graduação, onde me encontrei estudando e conhecendo a “Doença de Alzheimer” e seus danos ao paciente e aos seus familiares. O contato com idosos se fez novo caminho para nós, no mesmo passo em que minha mãe envelhecia. Ela sofreu uma queda em casa, fraturou o fêmur duas vezes no curto espaço de dois meses, duas cirurgias, complicações, infecções, e foi a óbito. Sua morte, foi algo muito doído para mim, e esse luto, que ainda vivo, me fez ser confrontada com a minha fé. Me vi tendo dúvidas do tipo: para onde ela foi? Foi para o céu? Está acordada, ou dorme, até o dia do retorno de Jesus? Está viva lá em algum lugar? Questionamentos que como sacerdote religiosa eu havia aprendido a responder ao oficializar enterros. Mas quando é conosco, o aperto é outro. Questionei minha própria vida e Fé. E mergulhei na área da saúde, com a missão de buscar respostas e trazer ajudas, como a teologia, a religião, a fé se tornam palpáveis e atuam como suporte emocional, físico e espiritual, nos momentos de dor, do medo, da perda, da finitude de vida, da morte e do pós morte. Amparar o paciente até a sua partida, amparar familiares durante o adoecimento e após o falecimento, tornou-se minha missão, com a ajuda de Deus.

## **A RELIGIÃO E A FÉ.**

Como sou cristã protestante, minha base de Fé, Teologia, práxis é Metodista Wesleyana, Arminiana, reformada. Hoje, tenho me especializado em Capelania Hospitalar em Cuidados Paliativos, e o respeito às crenças religiosas dos pacientes que podem ser diferentes da minha, faz parte do meu ofício, e de minhas observações.

Observemos alguns significados, para que construamos um pensar, partindo da seguinte pergunta: É possível imaginarmos um mundo sem a existência de Deus? Quem organiza e dá ordem ao mundo como o conhecemos?

A palavra religião existe no dicionário da língua portuguesa aproximadamente desde o século XIII, assim está:

**Re.li.gi.ão** [pl.: ões] *s.f.* 1. crença na existência de uma força ou de forças sobrenaturais 2. Conjunto de dogmas e práticas que geralmente envolvem tal crença 3. observação aos princípios religiosos; devoção, prática.

**Re.li.gi.o.si.da.de** *s.f.* 1. Conjunto de valores éticos de certo teor religioso 2. Tendência ou fato de incorporar ensinamentos religiosos à forma de pensar.<sup>3</sup>

Religião do latim *religio*, que significa “louvor e reverência aos deuses”. Estudiosos etimologistas divergem a respeito sobre a real origem etimológica da palavra “religião”. No entanto, muitos acreditam que ela tenha surgido a partir da junção do prefixo *re*, que funciona como um intensificador da palavra que o sucede, neste caso *ligare*, que significa “unir” ou “atar”. Assim, *religare* teria o sentido de “ligar novamente”, “voltar a ligar” ou “religar”. O termo era utilizado como um ato de “voltara unir” o humano com o seu criador, Deus. Ainda existe outra teoria que diz ser o verbo latino *relegere* a origem da palavra religião. *Relegere* significa “reler” ou “revisitar”. e foi associado ao ato da constante releitura e interpretação dos textos bíblicos e sagrados. A palavra religião parece fácil, porém, à medida que se vai estudando, percebe-se que não é bem assim. Para o filósofo franco-argelino chamado Jacques Derrida (1930-2004), a religião é provavelmente o termo mais claro e o mais obscuro de todos os conceitos humanos. Ele próprio formulou assim o tema: "Fé e saber. As duas fontes da "religião" nos limites da simples razão". Em ambos, seu esforço principal parece ser o de elucidar o significado profundo – etimológico, filosófico, histórico-cultural e religioso – da palavra "religio", analisando essa expressão, desde as duas fontes que já Kant, Hegel e Bergson apontavam como fundantes para a correta compreensão da "religio" "nos limites da razão simples": a fé e o conhecimento<sup>4</sup>. Já o linguista francês Émile Benveniste (1902-

<sup>4</sup> <https://www.pucsp.br/rever/resenha/dervat01.htm>,

1976) chegou a dizer que esta etimologia, essa busca, por uma origem através do conceito religar, era uma criação apenas do cristianismo, já que em Cícero e Agostinho, se tem o sentido de reler, visitar, e não apenas de religar (HOUAISS, 2004).

**Fé:** De acordo com a etimologia, a palavra tem origem no Grego "pistia" que indica a noção de acreditar, e no Latim "fides" , que remete para uma atitude de fidelidade. *Sola fide*. Somente a Fé. O termo é empregado em muitas acepções que poderiam ser divididas em profanas e religiosas. No sentido profano, significa dar crédito na existência do fato, fazer bom juízo sobre alguém, expressar sinceridade no modo de agir, até hoje em certos documentos lemos: Dou fé.

Quando o testemunho no qual se baseia a confiança absoluta, é a revelação divina, fala-se de Fé no seu sentido religioso. Fé é um campo pessoal, é um elemento subjetivo, é um sentimento interior, uma convicção própria, algo absolutamente de pertencimento de cada pessoa. Já a religião é coletiva, pressupõe a junção de muitos tipos de fé, de muitas pessoas que se agrupam em grandes unidades, religiões maiores ou menores. Uma pessoa está falando a mais pura verdade ao dizer que sente dentro de si que existe um Deus, que sente dentro de si que existem forças superiores e inferiores, e em geral que existem forças que a protegem, bem como, existem forças que a podem prejudicar. Assim , entendem também que tais forças podem operar resultados em seus destinos, em sua morte e na sua vida após a morte. A fé é um sentimento de total crença em algo ou alguém. Ter fé implica uma atitude contrária à dúvida e está intimamente ligada à confiança. No contexto religioso, a fé é uma virtude daqueles que aceitam como verdade absoluta os princípios difundidos por sua religião. Ter fé em Deus é acreditar na sua existência, na sua onipresença, na sua onisciência e na sua onipotência. A fé é também sinônimo de religião ou culto. A fé cristã implica crer na Bíblia Sagrada, na palavra de Deus, e em todos os ensinamentos pregados por Jesus Cristo, o enviado de Deus. No islamismo o nome próprio de Deus é Alá. Segundo o Corão, "ele é o único Deus, criador do universo e juiz da humanidade". "Ele é único (wāḥid) e inerentemente uno (aḥad), todo piedoso e onipotente". Na Bíblia há inúmeras referências ao comportamento do cristão que age com fé, vejamos:

Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se veem. Pois pela fé, os antigos obtiveram bom testemunho. Pela fé, entendemos que o universo foi formado pela

palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não são visíveis. Hebreus 11.1-3 (Bíblia Sagrada, versão Nova Almeida Atualizada, SBB, Barueri, SP, 2019).

No princípio, Deus criou os céus e a terra.

A terra era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre as águas.

Então Deus disse: - Haja luz! E houve luz. E Deus viu que a luz era boa e fez separação entre a luz e as trevas. Deus chamou à luz “dia” e chamou às trevas “noite”. Houve tarde e manhã, o primeiro dia. Gênesis 1,1-5. (Bíblia Sagrada, versão Nova Almeida Atualizada, SBB, Barueri, SP, 2019)

Apesar da atual customização da religião, onde o indivíduo pinça para si dentre os muitos dogmas e costumes de cada religião, o que melhor lhe responde aos anseios, misturando-se assim as diversas tradições, diz-se que existe o Delivery gospel.

Por fim, a religião é fundamental, e sem ela não podemos explicar a maioria das sociedades, sem ela não tem sentido grande parte da história da arte, da literatura e da própria maneira da gramática das sociedades se relacionarem entre si e com a ideia que elas fazem do além, ou a ideia que elas fazem do sagrado, da vida, da morte e vida após a morte. Já a Fé como suporte nas crises trabalhada no contexto de aconselhamento pastoral é mencionada no trabalho da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Blanchés de Paula <sup>5</sup> junto a questões de morte e luto. Onde ela apresenta um recorte da teoria de James Fowler sobre fé, seus estágios, apresentados em sete momentos numa correlação com os estágios do

---

<sup>5</sup> Possui graduação em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (1994), graduação em Psicologia pela Universidade Metodista de São Paulo (1996), mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1997) e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2009). Fez estágio de pós doutoramento em Teologia na Candler School of Theology em 2016. Atualmente é professora assistente da Universidade Metodista de São Paulo, coordenadora do curso presencial e do lato sensu em aconselhamento pastoral da Universidade Metodista de São Paulo, pós graduação em ciências da religião da Universidade Metodista de São Paulo. Atua como docente nos cursos de Teologia presencial e EAD, Lato Sensu em Aconselhamento Pastoral e pós-graduação em Ciências da Religião. Tem experiência na área de Teologia, Ciências da Religião, com ênfase em aconselhamento pastoral, vocação, religião e saúde, cuidado e espiritualidade, luto. (Fonte: Currículo Lattes)

desenvolvimento humano de Erikson (PAULA, 2004). Onde essa teoria pode servir de apoio na crise quando a encaramos na dimensão da vida como humana e que inclua e esteja incluída no dia a dia das pessoas. Ou seja, para que a fé seja suporte, ela precisa ser ressignificada e não visualizada de forma fechada. Cada estágio, com sua peculiaridade, tem contribuições a dar nas perguntas que são gestadas nas possíveis crises que as pessoas enfrentam no dia a dia. Para ela, a fé como suporte nas crises acontece no caminho e no caminhar (ERIKSON, 1987).

### **DA MORTE, DA FINITUDE, DA ESPIRITUALIDADE E DO LUTO.**

“ A morte não é nada para nós, pois quando existimos, não existe a morte, e quando existe a morte, nós é que não existimos mais.” Epicuro (EPICURO, 2002).

Pois bem, eis que nos deparamos com ela, a morte. O ser humano já nasce com essa questão incrustada no seu ser. Não tem como dela escapar: ela vem para todos nós. Nossas células morrem, nossos neurônios morrem. E esta certeza é o combustível para uma infundável luta, repleta de ações, atitudes, estudos, práticas, enfim, de tudo que nos possa ajudar a vencê-la. Falar de morte ainda é um tabu.

A morte está inserida na realidade última da existência humana, que na contemporaneidade continua sendo temida, e esta palavra: MEDO, reverbera fortemente nos seres humanos. Temos medo do desconhecido, e por isso, lutamos tanto contra ele, contra o que a morte traz em si, no seu bojo, e no que ela causa na vida de quem fica; gerando dúvidas e temores sobre a pessoa que se foi. A pergunta é: Por que ter medo do inevitável? Você já se perguntou: Por que admiramos a beleza de uma flor? Porque ela morre, e isso destoa, não combina, com o sentimento de felicidade que se sente ao receber um ramalhete de flores. A beleza da vida está na sua brevidade, isso a torna única. A Dr<sup>a</sup> Ana Cláudia Quintana Arantes costuma dizer em suas palestras, que na vida não tem como ensaiar antes de viver, você tem que viver direito, pois a vida não volta. Mesmo

que para alguns credos religiosos, exista a possibilidade da reencarnação, como por exemplo, acreditam os espíritas. O que não é compartilhado pelos Cristãos Católicos Romanos, e nem pelos Evangélicos. Evangélicos não oram para os mortos, inclusive.

Ferry (2007) procurou compreender como o homem se relacionou com a morte ao longo da história, e como este fenômeno foi explicado nos diferentes períodos históricos. Segundo este filósofo, em nenhum outro momento a morte foi tão estranha quanto o é nos tempos atuais. Já o estudioso Ariès (1989) destacou que a atitude do homem diante da morte mudou muito desde a Idade Média até os dias atuais. Naquela época a morte era um evento social, o moribundo, figura central, falecia rodeado dos seus familiares e amigos em casa, seu velório acontecia também ali. Isso, porém mudou, no início do século XIX, onde a finitude tomou outros contornos. A morte desde então é considerada uma transgressão que arranca o sujeito de sua vida cotidiana, de seu trabalho, de sua casa. No século XX a transformação continuou. O moribundo passa de controlador do evento de sua morte em sua casa, para então acontecer nos hospitais, onde se morre sozinho, pois não é bom que os familiares assistam às cenas deprimentes e tristes da morte de seu familiar, e de como ela acontece, com dor, às vezes com sangue ou sem, com morfina ou sem. Podemos perceber tais mudanças ocorrendo tanto no Ocidente quanto no Oriente. Para alguns povos o corpo do defunto era tratado com especiarias, e enrolado em tecidos mortuários, velado a céu aberto, e queimado; para outros velado e enterrado, para outros houve o incremento do caixão, dos rituais de velório, do enterro, e da cremação. Houve por parte dos católicos um certo repúdio pela cremação, mas com o passar do tempo, esse repúdio amenizou e hoje é até aceito.

O luto passa a ser um processo que requer tempo e atenção, por ser um processo psicológico complexo a ser vivenciado em seus aspectos emocionais, somáticos, cognitivos e comportamentais quando da ruptura do processo de equilíbrio do nosso corpo, e diante de uma perda significativa. Retornamos a Epicuro que disse: “Não se deve viver temendo a morte, e não se deve amar a vida de tal forma que suponhamos que deve ser uma tragédia sair dela”.

Morrer traz sentido à vida, pois é na morte que se sabe, se apura tudo o que foi realizado ao longo de uma vida. Gandhi foi entrevistado, pouco antes de ser assassinado em 30 de janeiro de 1948: E lhe foi perguntado: “Qual mensagem o senhor deixa para a Índia? Ele respondeu: A minha mensagem é a minha vida.”

Caro leitor, isso não se pode dizer dos vampiros, já percebeu como eles são melancólicos? É porque eles são eternos. Quem assistiu a saga Crepúsculo, ou outros filmes de vampiros, até os mais modernos, pode perceber que eles são sempre depressivos, sempre olhando para baixo, a meia luz, eles não morrem. É só morrendo que se dá sentido à vida.

Nunca assisti a um filme de vampiro que fosse diferente, sempre recheados de estórias de amores perdidos, de ódio e raiva aos dogmas religiosos da época quanto a morte por suicídio. A cena final do filme: “Drácula de Bram Stoker”, na magistral interpretação do ator Gary Oldman foi maravilhosa. Fiquei emocionada ante a cena que os olhos dele viram antes de morrer.

Uma outra palavra que consideramos muito importante é a palavra PERDA. É comum se ouvir falar: Perdi meu Pai. Perdi meu marido, perdi minha esposa. Eu mesma dizia: Perdi minha mãe, e isso me levou a refletir. Em dado momento da reflexão pensei: Eu não a perdi de todo, até porque ela não me pertencia, no meu refletir religioso eu entendi que ela era de Deus, não minha. Ele a me deu como um presente, para que me fosse por mãe, me fosse educadora, me fosse exemplo de mulher íntegra, guerreira, exemplo de superação nas dificuldades que a vida lhe impunha, o fato de não ser totalmente alfabetizada não lhe foi por barreira, venceu-a também. Então na morada celestial, houve um ganho, o céu ganhou minha mãe, ela voltou para a nossa casa.

Parkes (1998) destacou que “o luto é um processo de aperceber-se, de tornar real o fato da perda”. Franco (2002) apontou que as determinantes do luto dependem diretamente da relação que tínhamos com a pessoa falecida, entre as quais: Quem era essa pessoa? Qual a natureza da nossa ligação? Qual a forma da morte? Antecedentes históricos, variáveis de personalidade, variáveis sociais estresses concorrentes.

Elizabeth Kübler Ross (2017) escreveu o memorável livro Sobre a Morte e o Morrer, que se baseia em suas pesquisas, acompanhando pacientes terminais e seus respectivos familiares, num hospital em que essa profissional trabalhava. O trabalho da autora destacou-se por sua sensibilidade para com os pacientes terminais, pois é preciso cuidar bem de pacientes que estão às portas da morte, já que o sofrimento maior deles nem sempre é a dor física, mas a dor emocional. Ainda segundo a mesma autora, não basta somente os avanços da medicina para conseguirem adiar a morte, e dar mais tempo de vida ao paciente, mas também é necessário humanizar o cuidado; é preciso cuidar do paciente de forma integral. Isso significa, cuidar deste paciente, cuidar de sua família e do cuidador dele. Ela criticou e apontou para a necessidade de se falar e estudar sobre a morte nas Faculdades de Medicina, nas Faculdades de Enfermagem, Psicologia e Teologia. E até bem pouco tempo atrás, aqui mesmo no Brasil isso não acontecia. Hoje gradativamente, o assunto “Cuidados Paliativos” já consta das aulas dessas Faculdades e de outros cursos, já que as equipes de cuidados paliativos são multiprofissionais.

A mesma autora, através de seu trabalho dentro do hospital, observou que os pacientes terminais passavam por fases ao receberem o diagnóstico, ela então os relacionou numa lista de seis fases. E que, de certa forma, são também observadas nas pessoas

enlutadas: (1ª) Negação: onde se acha que é uma informação errada, ou que os exames foram trocados, etc; (2ª) Raiva: Por que eu? Fase de culpabilização dos outros; (3ª) Barganha: a pessoa começa a barganhar com Deus, com o seu destino: E se eu for bom, se eu não fizer mais tal coisa, como quem diz: se eu parar de fumar, de beber o senhor me cura deste câncer? (4ª) Depressão: Fase de profunda tristeza e de sofrimento emocional; (5ª) Aceitação: fase acompanhada de profundo silêncio e solidão; (6ª) Esperança, “Quem sabe exista uma nova medicação, um novo tratamento” como o que fizeram o ator americano Christopher Reeve e o empresário Steve Jobs da Apple.

A busca por explicações sobre a morte deu origem à uma ciência que vem ganhando espaço na área da saúde e agregando adeptos em diversas áreas. A tanatologia. É uma ciência que busca explicações no processo da morte. De acordo com a Rede Nacional de Tanatologia, ela se define como: uma ciência interdisciplinar que estuda a relação do homem com a própria morte e com a morte do outro, adquirindo corpo teórico com definição de conceitos e questionamentos para compreensão do comportamento humano em relação às perdas, luto e separação, levando-nos a refletir e debater sobre nossa própria finitude.

O objeto de estudo da Tanatologia é compreender a relação do homem com a morte; qual o impacto deste evento na subjetividade humana, agregando não somente a morte física, mas também a morte enquanto experiência simbólica, vivida em dezenove situações de mudanças. É também preocupação da Tanatologia a maneira como as pessoas reagem emocional e psicologicamente às perdas e quais mecanismos de defesa está utilizando para se readaptar a nova situação. No escopo das produções em Tanatologia são recorrentes temas como morte, perdas simbólicas, separação, processo do luto, qualidade de morte, eutanásia, bioética, aborto, estados vegetativos recorrentes, doenças sem possibilidades terapêuticas, assassinato, suicídio, fases da morte, dentre outros... (RNT, 2011).

Desde meados dos anos 50, o termo tanatologia passou a ser estudado, e tem voltado a sua atenção para uma compreensão e a se descrever o processo psicológico que envolve a perda de alguém. Nomes como “Bowlby, Parkes, Lindemann, Kübler-Ross, Marris, Raphael e Kavanaugh,” para mencionar apenas alguns estudiosos, que estabeleceram teorias individuais, onde descreviam os diferentes estágios da adaptação

psicológica à morte, os diferentes estudos apresentam grandes semelhanças, variando apenas em alguns nomes dos estágios. Kübler-Ross destacou a influência na vivência do luto da espiritualidade/religiosidade. Segundo Kübler-Ross, a religiosidade tinha um papel fundamental na relação do sofrimento, pois ele significava que haveria uma recompensa futura. No entanto, pode-se perceber que o homem, o indivíduo tornou-se mais individualista e autossuficiente; sua alegação geralmente é que ele não precisa de religião, abandonando assim, o seu lado espiritual. Diante deste fenômeno, o sofrimento e a morte perdem o sentido de ser (KÜBLER-ROSS, 2017)

Já Parkes (1998) destacou que pessoas que têm uma crença religiosa tendem a ter maior saúde mental e lidam de forma mais adequada com o processo do luto. **Savage (1991) destaca que a morte pode influenciar diretamente a vida espiritual do enlutado, proporcionando tanto uma revitalização das crenças como o abandono delas.**

Franco (2002) por sua vez, ressaltou a importância da espiritualidade no enfrentamento da perda e destacou que a Psicologia negligenciava a espiritualidade quando, na verdade, ambas, Psicologia e Religião, tendem a convergir em seu intuito de ajudar e de compreender o sofrimento humano. Hennezel e Leloup (2004) afirmaram que a espiritualidade é uma parte fundante do ser humano, porém hoje, como vivemos em uma sociedade laica, a espiritualidade é facilmente confundida com religiosidade, que está diretamente ligada a um credo. Todavia, a essência do homem é espiritual, tricotômica, somos espírito, temos uma alma e habitamos num corpo. Até mesmo aqueles/aquelas que se dizem ateus cultivam a espiritualidade, pois uma atitude espiritual é a confiança profunda no homem naquilo que o supera, naquilo que vai além. “Tal é nosso pressuposto: o que é visto do homem, o que dele se conhece, o que é pesado, medido, diagnosticado... não é tudo” (HENNEZEL; LELOUP, 2004). Para Aubert (1995), a civilização moderna proporciona ao homem viver melhor e com mais qualidade, e este novo modo de vida fez com que surgisse um novo tipo, modelo de espiritualismo que substituiu o antigo espiritualismo desencarnado.

O luto é, portanto, um tempo necessário de adaptação as novas realidades, aprendizados, adaptações por parte da pessoa enlutada, e também de toda a família. Teóricos sobre o luto dizem que o tempo de luto é algo relativo, cada pessoa tem seu próprio tempo para elaborar a perda. Kóvacs<sup>21</sup>.

Kübler-Ross (2017) e Kovács (2010), destacam que a espiritualidade desempenha um papel importante na vivência do luto. Chegam a afirmar que, as pessoas que têm uma prática espiritual tendem a vivenciar melhor o luto, pois as religiões procuram explicar o que acontece na morte, ou mais especificamente, o que vem depois dela. Kübler-Ross afirma que a espiritualidade desempenha importante papel durante o processo de

doença porque, segundo a autora, quando o paciente terminal tem uma crença, o sofrimento decorrente da doença tende a ser ressignificado. O sofrimento recebe uma conotação divina. E eu pergunto, por que se tem que esperar o fim, esperar a morte, quando que, na realidade, é a sua vida que importa e constrói a sua morte?

## **AS NOSSAS DORES DE CADA DIA.**

Onde está Deus quando chega a dor? Pode Deus transformar o meu sofrimento em algo significativo, proveitoso? Pode Deus transformar o mal em bem? São estas as perguntas com que Eleny Vassão, Capelã Evangélica dos Hospitais das Clínicas Emílio Ribas, em São Paulo, também escritora e conferencista lida constantemente, e chegou a ser tema de um de seus muitos livros (VASSÃO, 2014).

Parece um pesadelo. Seria muito bom se eu pudesse acordar, abrir os olhos e ver que tudo não passou de um sonho mau, de uma noite mal dormida, um pesadelo, e que a nossa vida continua a mesma. Por que eu? Por que na nossa família? O que fizemos para merecer isso? Há um propósito em tudo isso? Qual? Haverá um final feliz nessa nossa história? Se Deus é bom, diz que me ama e tem todo o poder, por que então não faz alguma coisa para mudar essa situação? Seria tão fácil para ele fazer mais um milagre, por que Ele não o faz? Devo aceitar tudo de forma passiva como sendo “vontade de Deus”?

Na Bíblia são muitos os momentos em que se clamava por socorro divino. O livro de salmos está repleto deste clamor a Deus em meio à dor e ao sofrimento, e apesar de tudo, Deus não os acusou de não terem fé.

Ouve a minha oração, Senhor!

Chegue a ti o meu grito de socorro!

Não escondas de mim o teu rosto quando estou  
atribulado, inclina para mim os teus ouvidos; quando eu clamar,  
responde-me depressa! Salmos

102. 1-2

Salva-me, ó Deus! Pois as águas subiram até o meu pescoço.

Nas profundezas lamacentas eu me afundo;

Não tenho como firmar os pés. Entrei em águas profundas, e as  
correntezas me arrastam.

Cansei-me de pedir socorro; minha garganta se abrasa.

Meus olhos fraquejam de tanto esperar pelo meu Deus...

Não permitas que as correntezas me arrastem, nem que as profundezas me engulam, nem que a cova feche sobre mim sua boca!

Responde-me, Senhor, pela bondade do seu amor; Pelas tuas grandes misericórdias, volta-te para mim.

Salmos 69.

Esta autora, no último dia de vida de minha mãe, lá pelo meio da tarde, fechou as cortinas do box onde ela estava, ficou de frente para a sua cama, e orou ao Senhor: Pai, em nome de Jesus Cristo teu filho, e meu Senhor, tu sabes como está meu coração e minha mente. Minha alma está aflita e pesada dentro de mim. Olha Pai, eu sei que estás aqui e podes me ouvir. Então Papai, olha para a minha mãe, eis seu corpo diante de mim, veja como ela está fraquinha, enferma. Pai, ela nem fala mais comigo e a gente conversava tanto... Pai, eu creio em Ti. Sei que Tu tens todo o poder. Que criastes tudo que há, e sei Pai, que só Tu podes curar minha mãe, se quiseres, Tu Senhor pode acabar com todas as enfermidades no corpo dela, podes refazer o seu fêmur e ela sair daqui andando. E isso será para a Tua honra e Tua glória, nem será de médico ou remédio algum. Mas te peço, não a deixes sofrer mais. São tubos enfiados nela, são agulhas e fios enfiados nela, nem calibre de veia ela tem mais, não a deixes sofrer, Te peço por amor que Tu tens a ela. Cuida dela Pai, só Tu tens palavras de vida eterna. No nome de Jesus, Amém.

A respiração dela serenou, e ela partiu na madrugada daquele dia.

Hoje ainda é possível crer em milagres? Sim, eu creio! Mas a minha fé em Deus não curou a minha mãe. É, ela morreu. E então?? Então ela se foi, eu tive que escolher as roupas para o seu enterro. Pedi para tamponarem os orifícios para que eu não visse o algodão em suas narinas. Eu tive que escolher e comprar um jazigo para o seu pequeno corpo, eu tive que ir na casa de minhas irmãs e lhes dar a notícia de sua morte. E até hoje essa dor dói no meu peito, e tem dias que essa dor inunda meus olhos e me escorre pela face. Que eu seco rapidamente para ninguém ver. Você não tem raiva de Deus? Não! Orei, questionei, chorei, até o dia em que num filme que eu assistia para um trabalho acadêmico, Deus falou comigo, Ele me deu certeza e respostas a todos os questionamentos que eu fazia até então. Foi tão forte e profundo no meu coração que quando o choro cessou, eu tive uma paz que nunca tinha sentido antes. E descansei Nele. Minha mãe está com Ele. Ela voltou para casa, e lá não há dor, choro, sofrimento, noite, lá existe Paz. Entendi que eu a tinha liberado

para seguir a jornada, e ela se foi serena...em paz.

*LUTO é como ter costelas quebradas, do lado de fora você parece bem, mas  
a cada respiração está doendo por dentro...*

*Autor Desconhecido.*

## **DAS PROFUNDEZAS CLAMO.**

Perdoa-me a franqueza, a quase audácia da confissão. Mas, neste momento, tu me pareces terrivelmente abstrato. Tão distante, que minha alma se angustia como alguém que procura um objeto que ele já não existe.

Terei sido hipócrita durante todo este tempo?

Usando-te apenas como elemento de prestígio, mas sem nenhuma convicção da existência tua? Mas, se assim fosse, por que te escrevo?

Por que me dói tanto sentir-me distante? Como posso compreender o grito do poeta:

Onde estás que não me respondes? E o clamor do patriarca:

Que mal te fiz, Espreitador de homens? Não és o autor de tudo?

Não tens nas mãos todo o poder?

Que esperas, então, para transformar-me em algo útil, digno da tua coleção? Não te parece uma omissão cruel?

Tu o sabes; aliás, tu mesmo o afirmaste:

Sem mim, nada podeis fazer.

No entanto, aí estás, invisível em algum lugar, gozando sua perfeição, enquanto, cá embaixo, eu me debato.

Verme sob o monturo, cavando uma abertura na direção do sol. É isso

justo?

Talvez.

É misericordioso?

Não sei.

Bem, posso compreender que queiras instruir-me por meio de alguma forma de dor.

Mas não te seria mais fácil modelar-me de uma só vez?

Trocando logo o pano velho pelo novo, sem me submeteres

a um processo que é a minha limitação e parece longo e cruel? Já uma vez prometeste trocar meu medo por uma canção.

E eu cantei por algum tempo.

Mas, agora, mais uma vez me escapas, e eu me sento ao pé de um fogo pagão para aquecer-me, e para esquecer.

Não será preciso que o galo cante para fazer-me lembrar que não é meu lugar aqui.

Quer eu fuja, quer me cale, descobrirão que nossos caminhos se cruzaram um dia, e a marca ficou indelével, como um timbre a ferro e fogo.

Por isso, já que nem mesmo tua onipotência pode retirar o que me deste, volta! Vem ter comigo, ou leva-me para onde estás.

Se o meio é a morte, não importa.

O essencial, o desesperadamente necessário, é apenas tu mesmo. Amante de minha alma,

Senhor do meu destino, Raboni meu

Myrthes Mathias (2011)

## **O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE.**

Ninguém gosta de falar de morte, adia-se ao máximo pensar nela. Um dia também morrerei. Você que me lê agora, também irá.

Já não se pode negar a importância dos aspectos religiosos e espirituais no cuidado dos pacientes, embora haja muitos questionamentos a respeito de como acessar

a dimensão espiritual do ser humano. A morte mexe com a questão mais fundamental, mais intrigante, mais desafiadora e que mais inquieta a humanidade, a da sobrevivência pós-morte. Até hoje não se chegou a um consenso nem das religiões, nem dos sistemas filosóficos, nem das ciências a respeito do que é a morte e se sobrevivemos ou não a ela. Ainda hoje, para a maioria de nós, a morte permanece uma figura sombria cuja presença é só levemente percebida. Nós tendemos a relegá-la à periferia de nossas vidas, acreditando que se ela for colocada fora da nossa vida, também o será da nossa mente. (SANTOS, 2007, p. 13-14). A relação do homem com a morte é distante, sem intimidade, como se ela fosse adversária ao processo de viver. O assunto é tabu. Quem conversa sobre a morte nas rodas entre amigos? Fui conversar com irmãs e irmãos da igreja da qual faço parte, espalhei a rodinha. Ao falar a respeito as pessoas repudiam, “batem na madeira”, procuram mudar de assunto. A morte é vista como algo do mau, maligno, uma punição, jamais legitimada como sequência da vida. No século passado, no intento de se diluir a morte, os chamados rabcões, carros diferenciados para transportar o caixão até o cemitério eram da cor preta. Isso foi mudado. Hoje os carros em sua maioria têm cores comuns, mudando assim o tom fúnebre e no cortejo eles misturam-se aos demais, como que dizendo que a morte foi diluída na vida. Apesar de que, lhe segue geralmente um cortejo de carros. Quando o caixão é de uma figura conhecida, ele é geralmente transportado em um caminhão de bombeiros, carro aberto, e que no trajeto até o cemitério, é visto por todos, numa elaboração do luto coletivo. Lembra-se do cortejo fúnebre do piloto Ayrton Senna?

### **NOS AJUDE A CONTAR OS NOSSOS DIAS.**

Atualmente, nossa atuação consiste nos cuidados com idosos, mais especificamente, idosos com demência e comorbidades. Temos estudado a Doença de Alzheimer já há uns seis anos, e a pouco mais de dois anos, estudamos a Demência por Corpus de Lewy.

Mas desde o início de nossas pesquisas, buscamos respostas para a nossa práxis teológica. Como falar de Jesus e de seu amor para idosos com demência? Se lentamente, dia após dia, eles vão se esquecendo deles mesmos, pouco a pouco sua própria existência vai sumindo. Aprendemos que não se morre da Demência de Alzheimer, se morre com ela. A pergunta que se faz é: Como é possível viver sem memórias? Também isso não é morrer? Um morrer em vida que nem se sente?

E não se enganem os mais ávidos debatedores contrários ao evangelho. Desde o princípio, para um capelão/uma capelã o respeito às crenças que não as nossas são respeitadas. Não se faz proselitismo. É sim, numa total dependência na fé que temos em Deus, que nos colocamos em silenciosa oração, e em uma solitude, para ouvir-lhe a voz,

ensinando-nos como transformar o amor que temos, em uma maneira compreensível, deste amor que Deus tem por cada um de nós, que ajude aquele enfermo, ajude aos seus familiares. Ninguém pode dar o que não tem. Um acolhimento ético abrange todas as crenças do paciente, que muitas vezes colidem com as crenças do profissional. A capelã /o capelão deixará de lado suas crenças e procurará entender a função daquela fé na vida do paciente e assim ajudá-lo a usá-la ao seu favor, se assim o paciente desejar, a fim de lidar com o momento difícil pelo qual está passando. Aquele paciente no leito do hospital não é um número num prontuário somente. Deve-se lembrar que aquele paciente é o amor da vida de alguém.

## **CONCLUSÃO.**

No entanto, apesar de estudarmos Religião, Fé, Morte e Luto, é preciso esclarecer que o processo de luto não se faz apenas diante da morte de uma pessoa querida, mas também em toda perda significativa na vida de alguém, que pode ser traduzida por um divórcio, a perda de um emprego, a impossibilidade de aquisição de algo muito almejado etc. É puramente individual a importância que cada perda significava na vida de cada um e ela jamais deve ser banalizada, diminuída ou criticada, podendo até mesmo devendo, ser amparada psicologicamente. Pensando nesses aspectos, interessa os sentimentos que o luto desperta nas pessoas e que as levam à uma busca por algo que elas ainda não reconhecem dentro de si mesmas, na verdade, pode-se dizer que se trata de uma busca por esse reconhecimento, do sagrado, dentro de si, que chamamos de DEUS.

As pessoas possuem carências que em um determinado momento da vida irão se manifestar e o que se pode observar ao longo do tempo é que por mais que se faça aquisições, alcance conquistas ou se realize sonhos, as pessoas sempre se queixam de uma falta, de algo que as impedem de se sentirem completas, mas que elas não dão conta de explicar o que é. É como um buraco dentro de nós. Daqui ao morrermos, nada levaremos. Então por que valorizamos mais o ter do que o ser? Popularmente se diz que caixão não tem gaveta meu amigo, minha amiga. Essas carências despertam sentimentos e pensamentos que muitas vezes fogem da compreensão e fazem com que a busca pelo preenchimento dessa falta se torne inúmeras tentativas nem sempre alvissareiras, por não se saber o que exatamente está buscando. No entanto, essa busca exige uma mudança interior, uma aceitação para o novo e um movimento para permitir novas possibilidades. É na religião, na espiritualidade que se busca o preenchimento, que nos traz a completude da existência de que não estamos sozinhos aqui. E que ao fecharmos nossos olhos aqui na carne que temos, imediatamente abriremos nossos olhos nos céus.

Pode ser que você caro leitor/a, esperasse que lhe trouxesse respostas prontas,

e já lhe digo que não as tenho. Elas serão construídas a partir da sua vivência, dos relacionamentos que você tiver. Enquanto cuidadora e capelã, posso ouvir as dores, e tentar ajudar a quem as compartilhou, como que num pedido de ajuda. Porque muitas vezes não queremos que nos deem respostas prontas, chavões bíblicos ou não; que mais ferem do que ajudam, às vezes, queremos que alguém simplesmente nos abrace.

Ao fim deste artigo, deixaremos a letra de duas canções que nos são próximas, os links para que possam ser acessadas e escutadas também, pensem nas mensagens transmitidas e viva a vida, que está diante de você para ser vivida até o dia que ela acabar.

### EPITÁFIO – TITÃS – Composição: Sérgio Brito

Devia ter amado mais  
Ter chorado mais  
Ter visto o sol nascer  
Devia ter arriscado mais  
E até errado mais  
Ter feito o que eu queria fazer  
Queria ter aceitado  
As pessoas como elas são  
Cada um sabe a alegria  
E a dor que traz no coração  
O acaso vai me proteger  
Enquanto eu andar distraído  
O acaso vai me proteger  
Enquanto eu andar  
Devia ter complicado menos  
Trabalhado menos  
Ter visto o sol se pôr  
Devia ter me importado menos  
Com problemas pequenos  
Ter morrido de amor  
Queria ter aceitado  
A vida como ela é  
A cada um cabe alegrias  
E a tristeza que vier  
O acaso vai me proteger  
Enquanto eu andar distraído  
O acaso vai me proteger  
Enquanto eu andar

O acaso vai me proteger  
Enquanto eu andar distraído  
O acaso vai me proteger  
Enquanto eu andar  
Devia ter complicado menos  
Trabalhado menos  
Ter visto o sol se pôr

ALÉM DO RIO AZUL- Raquel de Lima

Além do rio azul  
As ruas são de ouro e de cristais  
Ali tudo é vida, ali tudo é paz  
Morte e choro, nunca mais  
Tristeza e dor, nunca mais  
Além do rio azul  
As ruas são de ouro e de cristais  
Ali tudo é vida, ali tudo é paz  
Morte e choro, nunca mais  
Tristeza e dor, nunca mais  
Verei o grande rio da vida  
Claro como o cristal  
Verei a face do Meu mestre querido  
Não haverá mais noite ali  
Não haverá nenhum clamor  
Verei os olhos de Jesus  
E tocarei seu corpo enfim  
Não, não haverá mais noite ali  
Não haverá nenhum clamor  
Verei os olhos de Jesus  
E tocarei seu corpo enfim  
As nações andarão em sua luz  
E as portas jamais se fecharão  
A cidade é de ouro puro  
De jaspe é seu muro  
Além do rio azul  
Morte e choro, tristeza e dor  
Nunca mais, nunca mais (Nunca mais)  
Morte e choro (Morte e choro)  
Tristeza e dor (Tristeza e dor)  
Nunca mais (Nunca mais)  
Nunca mais (Nunca mais)  
Morte e choro (Morte e choro)  
Tristeza e dor (Tristeza e dor)  
Nunca mais (Nunca mais)  
Nunca mais (Nunca mais)  
Morte e choro (Morte e choro)  
Tristeza e dor (Tristeza e dor)  
Nunca mais (Nunca mais)  
Nunca mais (Nunca mais)  
Morte e choro  
Tristeza e dor  
Nunca mais  
Além do rio azul

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, J. E **depois, Vida ou Nada? Ensaio sobre o Além**. Traduzido por Maria C. de M. Duprat, São Paulo: Paulus, 1995.

ARIÉS, Philippe. **A História da morte no Ocidente**. Traduzido por P.V.Siqueira. Lisboa:Teorema, 1989.

Bíblia **Sagrada**, versão Nova Almeida Atualizada, SBB, Barueri, SP, 2019

EPICURO. **Carta sobre a Felicidade**. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Unesp, 2002. Adap.

ERIKSON, E.H. **Identidade, Juventude e Crise**, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987, p.96

FERRY, Luc. **Aprender a Viver**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007

FRANCO, MHP (Org.). **Nada sobre mim sem mim**. São Paulo: Livro Pleno, 2005.

FRANCO, MHP (Org), **Uma jornada sobre o Luto: a morte e o luto sob diferentes olhares**, São Paulo: Livro Pleno, 2002.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles, **Mini Dicionário da Língua Portuguesa**, Editora Moderna, São Paulo, SP, 2004. Pag.635

HENNEZEL, M; LELOUP, J-Y, **A arte de morrer**, 7ª. Ed. Petrópolis, Vozes, 2004.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. Traduzido por Paulo Menezes. 10. Ed.São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano** (1. Reimpr. Da 5.ed. de2008). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

PAULA, Blanches de, **A fé como suporte nas crises**, Revista Caminhando, vol.9 n. 1[13], São Paulo, 2004. FOWLER, James. **Estágios da Fé**, São Leopoldo, Sinodal, 1992.

PARKES, C.M. - **Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta**. Traduzido por Maria Helena Pereira, 1998

SAVAGE, Jh. **Vidas não vividas**. São Paulo: Cultrix, 1991, p.27.

VASSÃO, E. **Mal em bem**, São Paulo, 3ª. Edição, 2011, Editora Cultura Cristã.

VASSÃO, E. Mathias, Myrthes – **Consolo** – 6ª. Ed. São Paulo – Editora CulturaCristã, 2011 – p. 100-102